UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

A INFLUÊNCIA DA SAÚDE MENTAL DOS PAIS/CUIDADORES NA FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE E DESENVOLVIMENTO DOS FILHOS

ELENIR CRISTINA NASCIMENTO DA SILVA

Seropédica

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

A INFLUÊNCIA DA SAÚDE MENTAL DOS PAIS/CUIDADORES NA FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE E DESENVOLVIMENTO DOS FILHOS

ELENIR CRISTINA NASCIMENTO DA SILVA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora como parte dos requisitos necessários à graduação de psicologia do Curso de Psicologia.

Orientador (a): Profª Drª Ana Cláudia de Azevedo Peixoto

Seropédica

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ELENIR CRISTINA NASCIMENTO DA SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos necessários à graduação em Psicologia.

DEDICATÓRIA

A Deus.

A minha avó, por todo suporte nessa jornada.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradecimento a Deus, por ter me colocado nesse lugar, por ser meu amparo nos momentos mais difíceis e por não me deixar desistir.

Agradeço em especial a minha avó Noêmia por me incentivar a estudar e por ser meu suporte durante toda a minha vida. Juntamente com minha tia avó Aurelina por cada palavra de incentivo e ensinamento.

Agradeço a minha família por acreditar em mim, no meu potencial, em especial a minha tia Elisangela por toda ajuda e auxílio.

Um agradecimento aos meus companheiros de graduação, pelos incentivos, estímulos, vibrações diante de vitórias, acalentos, abraços e risos até nos momentos mais difíceis e cansativos.

Agradeço a minha amiga Vitória que mesmo de longe é quem sempre ouviu minhas alegrias e tristezas nesse período de graduação, me incentivando e acreditando mais em mim do que eu mesma.

Sou grata aos professores do departamento de psicologia, por todo ensinamento, em especial a minha supervisora e orientadora Ana Cláudia.

Um agradecimento a ONG Vida Plena de Mesquita, local em que realizei meu estágio, e a toda equipe, como o Mauro, grande amigo.

Agradeço a todos os meus amigos que se fazem presentes na minha vida.

RESUMO

Silva, E. C. N. **A influência da saúde mental dos pais/cuidadores na formação da personalidade e desenvolvimento dos filhos**, 2020. Resumo do Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia, Instituto de Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

A família possui um importante papel na constituição dos sujeitos. O desenvolvimento humano e a personalidade são impactados por diversos fatores, como o contexto familiar e o estilo parental adotado. O estilo parental e a saúde mental dos pais podem trazer prejuízos ou auxiliar no desenvolvimento afetivo e social, podendo influenciar no ajustamento mental dos filhos e na formação de sua personalidade. Este trabalho teve como objetivo geral investigar como a saúde mental e os estilos parentais dos pais/cuidadores interferem no desenvolvimento de seus filhos, visando compreender quais fatores podem impactar a formação da personalidade saudável das crianças e quais prejuízos as práticas educativas inadequadas podem acarretar no desenvolvimento infantil. O método utilizado foi a Revisão Integrativa da Literatura. A pesquisa ocorreu durante o segundo semestre de 2020 e as referências foram pesquisadas nas bases de dados SCIELO, LILACS e Portal de Periódicos da CAPES. Ao total foram encontrados 123 textos e, ao final do processo de seleção, 12 referências foram analisadas e categorizadas. A análise de dados identificou que há múltiplos fatores associados na formação da personalidade e do desenvolvimento infantil. As práticas parentais inadequados são fatores de risco para o desenvolvimento de comportamentos sociais e emocionais inadequados. E a saúde mental parental pode ter impacto no ajustamento mental infantil.

Palavras-chave: Estilos parentais; Saúde mental dos pais; Desenvolvimento socioemocional.

ABSTRACT

Silva, E. C. N. **The influence of parents / caregivers' mental health in the formation of personality and development of children**, 2020. Abstract do TC de Curso de Psicologia, Instituto de Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

The family has an important role in the constitution of the subjects. Human development and personality are impacted by several factors, such as family context and parenting style. The parental style and the mental health of the parents can cause harm or assist in the affective and social development, and may influence the mental adjustment of the children and the formation of their personality. This study aimed to investigate how the mental health and parenting styles of parents / caregivers interfere in their children's development to understand what factors can impact the formation of healthy personality of children and what damage the inadequate educational practices can cause in child development. The method used was the Integrative Review of Literature. The research was conducted during the secund half of 2020 and the references were searched in the databases SCIELO, LILACS and Portal de Periodicals of CAPES. A total of 123 texts were found, and at the end of the selection process, 12 references were analyzed and categorized. From the analysis of the studies identified that there are multiple factors associated with personality formation and child development. Inappropriate parenting practices are risk factors for the development of inappropriate social and emotional behaviors. And parental mental health can have an impact on children's mental adjustment.

Keywords: Parenting styles; Parental mental health; Socio-emotional development.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÃO

Figura 01 - Fluxograma sobre as etapas de seleção das referências

Tabela 01 - Os oito estágios psicossociais do desenvolvimento de Erikson

Tabela 02 - Definição de estilos parentais, consequências e exemplos

Tabela 03 - Padrões de Apego

Tabela 04 - Artigos selecionados para análise e categorização

Gráfico 01 - Ano de publicação dos artigos

Gráfico 02 - Tipos de revistas científicas

Gráfico 03 - Procedimentos das pesquisas

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDI-III - Inventário de Depressão de Beck

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CCEB -Critério de Classificação Econômica Brasil

CDI - Inventário de Depressão Infantil

DSM - Diagnostic and Statistical Manual

IDATE - C - Inventário de Ansiedade Traço - Estado para crianças

IPPA - Inventário de Vinculação

ISSL - Inventário de sintomas de stress para adultos de Lipp

LEVICA - Laboratório de Estudos sobre Violência contra Crianças e Adolescentes

LILACS - Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde

MINI - International Neuropsychiatric Interview

NEO-FFI - Five Factor Inventory

PBI - Parental Bonding Instrument

PSDQ - Questionnaire: Short Version

SCIELO - Scientific Electronic Library Online

SRQ-20 - Self-Reported Questionnaire

SSQ - Questionário de Suporte Social

UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 9

2 JUSTIFICATIVA 11
3 OBJETIVOS 13
3.1 Objetivos gerais 13
3.2 Objetivos específicos 13
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 14
4.1 Desenvolvimento Humano 14
4.1.1 Desenvolvimento Cognitivo 14
4.1.2 Desenvolvimento Psicossocial 17
4.1.3 Teoria Ecológica do Desenvolvimento 19
4.2 Estilos Parentais 20
4.3 Teoria do Apego 25
4.4 Personalidade 28
4.5 Saúde Mental dos pais e o Desenvolvimento Infantil 30
5 METODOLOGIA 36
5.1 Tipo de Pesquisa 36
5. 2 Instrumentos 36
5.3 Procedimento 36
5.3.1 Busca nas bases de dados e amostragem das pesquisas 37
6 RESULTADOS 39
7 DISCUSSÃO 51
7.1 Relação entre a saúde mental dos pais e as práticas educativas parentais 51
7.2 Associação entre Estilos Parentais e a personalidade dos filhos 53
7.3 Fatores de riscos para a saúde mental infantil 57
7.4 Contexto familiar e o bullying escolar 59
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS 62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS é ... 65

1 INTRODUÇÃO

O presente projeto visa identificar como o funcionamento mental e a saúde emocional dos pais influencia no desenvolvimento e na construção da personalidade de seus filhos. O desejo pela construção desta pesquisa foi impulsionado mediante observações feitas na prática clínica do estágio profissional com crianças e adolescentes vitimas de violência. Este estágio é realizado na Associação Vida Plena de Mesquita-RJ que é conveniado com a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e coordenado pelo Laboratório de Estudos sobre Violência contra Crianças e Adolescentes (LEVICA). A relevância desta pesquisa se dá pela escassez de estudos sobre a temática, sendo está importante para explorar o ajustamento mental dos pais e os seus estilos educacionais parentais usados, e sua influência nas dimensões do desenvolvimento psicossocial e personalidade dos filhos.

Diante da temática é fundamental abordar sobre a família, pois está tem suma importância na constituição dos sujeitos, sendo o primeiro lugar em que a criança aprende sobre as regras, os modos de interação com o outro e também a como se comportar, por meio das práticas educativas utilizadas nesse meio (PRATTA e SANTOS, 2007). Através da relação entre pais e filhos é que a criança irá aprender a pensar, falar, se expressar e se relacionar.

> ñÉ no espaço familiar que se elaboram aprendizagens e interações significativas como os primeiros contactos corporais, o desenvolvimento da linguagem e as primeiras relações interpessoais, visando a educação e proteção de gerações precedentes, sendo desenvolvidos os sentidos de autoridade, negociação e resolução de conflitos.ò (SANTOS, 2016)

Entende-se como estilos parentais o conjunto de práticas educativas usadas pelos cuidadores e também a sua forma de se comunicar e se relacionar com a criança. Ele contribui para o desenvolvimento afetivo e social. Podem ser responsáveis pelo desenvolvimento de comportamentos sociais ou antissociais, competência, autonomia, empatia, assertividade, entre outros (MOTA e FERREIRA, 2019). Práticas parentais consideradas negativas podem ser fatores de risco para o desenvolvimento infanto-juvenil.

A Terapia do Esquema de Jeffrey Young diz que os cuidados parentais nos primeiros anos de vida têm influencia no desenvolvimento psicológico saudável ou patológico das crianças, mas também reconhece que há outros fatores, como a estrutura psíquica de cada sujeito formada pelo temperamento, pelas necessidades emocionais básicas satisfeitas ou insatisfeitas e pelas interações ambientais (WAINER, 2016).

A estrutura da personalidade é formada pela interseção entre a biologia, com base genética e epigenética, ou seja, pelo temperamento e também ñtendências comportamentais, afetivas, cognitivas e motivacionais que sofreram os efeitos do ambiente por meio das aprendizagens constantes no transcorrer do ciclo vitalò, pela educação e pelo Eu da criança que vai se desenvolvendo ao longo da vida (WAINER, 2016).

Outro ponto relevante é a Teoria do Apego de Bowlby, que conceitua apego como um estado interno em que a criança estabelece vínculo com a figura materna ou outro indivíduo, na qual sente senso de segurança e conforto quando está na presença dela, funcionando como base de segurança para que a criança explore o mundo. Bowlby (1979/1997) afirma que apego é um vínculo social pautado na relação entre pais e filhos (RAMIRES e SCHEIDER, 2010).

O objetivo geral desta pesquisa foi o de investigar se o funcionamento mental e os estilos parentais dos pais/cuidadores interferem no desenvolvimento saudável de seus filhos. Para isso, foi realizado uma Revisão Integrativa da Literatura sobre esse tema, visto que a Revisão integrativa é um método que possibilita a realização da síntese e análise do conhecimento existente a respeito do tema a ser pesquisado, de forma sistemática e ordenada, colaborando com os estudos sobre a temática. (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

As questões de pesquisa que nortearam este estudo foram: O funcionamento mental dos cuidadores influencia na formação da personalidade e desenvolvimento dos filhos? O desajustamento psicológico dos cuidadores pode ser um dos fatores para o desenvolvimento de transtornos psicológicos e problemas de habilidades sociais nos filhos?

2 JUSTIFICATIVA

Na maioria dos casos a família é a primeira instituição em que a criança é inserida, sendo o primeiro grupo social que ela convive. O contexto familiar traz influência para a criança sobre o modo de agir, de expressar suas emoções, de interação social, de cultura, valores morais e éticos, ou seja, é o lugar que vai promover a educação da criança. Os pais ou responsáveis devem proporcionar as crianças um ambiente seguro, afetivo, incentivador, de bem-estar e que supra as suas necessidades para que se desenvolvam de maneira saudável (PATIAS, SIQUEIRA e DIAS, 2013).

Segundo a Teoria do Apego de John Bowlby, para que o bebê se desenvolva é necessário que ele estabeleça vínculo com seu cuidador. As crianças têm a necessidade de segurança e proteção que são suportes para a sua saúde mental. A maneira como o cuidador estabelece esse primeiro vínculo está relacionada com a forma de apego que o infanto irá desenvolver (HALPERIN e CARNEIRO, 2016).

De acordo com Prata e Santos (2007), a base familiar contribui na formação dos sujeitos e de sua personalidade, e através das práticas educativas causa influencia no comportamento destes. Sendo também responsável pelo desenvolvimento de sua socialização primária, pois estabelece limites e normas sociais (SANTOS, 2016).

É no ambiente familiar que as crianças têm as suas primeiras experiências de vida. É onde aprendem, seja pela observação, pelo modo como os adultos se relacionam com elas e com os outros ou por aquilo que é ensinado a elas através de palavras. E assim as preparam para coviver em outros ambientes sociais (PATIAS, SIQUEIRA e DIAS, 2013). No contexto familiar se estabelece as primeiras interações sociais e os vínculos afetivos, possibilitando o desenvolvimento emocional e social da criança (SANTOS, 2016). Pesquisas sobre práticas parentais mostram que os estilos positivos contribuem para que os filhos desenvolvam habilidades sociais, tenham melhor desempenho escolar, resiliência e boa autoestima.

Estudos apontam que quando a relação familiar é insegura, quando não há vínculo emocional e as práticas parentais não oferecem apoio, carinho e atenção, pode influenciar o desenvolvimento de psicopatologias na fase adulta (ARAÚJO, 2003).

Através do modo de funcionamento da família a criança pode aprender ou não a regular suas emoções, pois ambientes familiares que não permitem ou reprimem a expressão das emoções dificulta que a criança aprenda a lidar com elas, provocando comportamentos disfuncionais para conseguirem dar conta de seus sentimentos. Com isso, quando o núcleo

familiar lida com as emoções de modo disfuncional, por consequência a criança aprende a agir do mesmo modo (PATIAS, SIQUEIRA e DIAS, 2013).

Segundo Lopes e Lopes (2015), as crianças são influenciadas pela visão da realidade dos pais e tendem a perceber o mundo do modo como os pais lhe ensinam. E os limites da visão do mundo desse cuidador, como suas crença, podem se tornar os limites da visão da criança. Por exemplo, pais que passam para os filhos que o mundo e as pessoas são sempre muito perigosas, a emoção do medo e ansiedade podem ser potencializadas na criança e com isso a criança pode se sentir muito vulnerável com o pensamento de que pode sofrer alguma violência a qualquer momento.

As experiências que os pais proporcionam aos filhos podem influenciar a formação da personalidade saudável ou não. Quando o cuidador ensina para a criança a perceber o mundo de forma limitada e irreflexiva a criança tenderá a não refletir sobre outras formas de pensar além da ensinada (LOPES E LOPES, 2015).

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivos gerais

Investigar como a saúde mental e os estilos parentais dos pais/cuidadores interferem no desenvolvimento de seus filhos.

3.2 Objetivos específicos

- Fazer uma Revisão Integrativa da Literatura nacional sobre o funcionamento mental dos pais e suas práticas educativas;
- Descrever quais fatores podem impactar a formação da personalidade saudável das crianças;
- Compreender quais prejuízos as práticas educativas inadequadas podem acarretar no desenvolvimento infantil.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 Desenvolvimento Humano

Os seres humanos desde a concepção até o fim de sua vida passam por diversas transformações. O desenvolvimento humano tem foco no estudo científico sobre as mudanças e as estabilidades que acontecem nos sujeitos. Os cientistas do desenvolvimento estudam os aspectos que se transformam nos seres humanos desde a fecundação até a maturidade e também quais aspectos que permanecem estáveis. Os resultados de seus estudos podem ser aplicados na forma de educar e na saúde das crianças, ajudam a entender as diretrizes sociais das crianças e também nas transições para a vida adulta. As pesquisas sobre desenvolvimento humano estão sempre evoluindo, com questões e métodos cada vez mais sofisticados (PAPALIA, OLDS e FELDMAN, 2006).

Os psicólogos do desenvolvimento ainda debatem as questões de natureza-criação e continuidade-descontinuidade. Mas a maioria concorda que cada fase do desenvolvimento de uma criança é um produto de algum padrão e interação de natureza e criação (Rutter, 2002, citado por BEEN e BOYD, 2011).

Os desenvolvimentistas estudam o domínio físico, cognitivo e psicossocial. O aspecto físico compreende o crescimento corporal, as capacidades sensoriais, as habilidades motoras e a saúde; no aspecto cognitivo estão as habilidades mentais, ou seja, aprendizagem, memória, atenção, pensamento, linguagem, raciocínio e criatividade; e no desenvolvimento psicossocial fazem parte as emoções, a personalidade e as relações sociais (PAPALIA, OLDS e FELDMAN, 2006). Este capítulo tratará do desenvolvimento cognitivo de acordo com a visão de Piaget, do desenvolvimento psicossocial, com os estágios psicossociais de Erickon e também sobre a ecologia do desenvolvimento - Abordagem bioecológica de Bronfenbrenner.

4.1.1 Desenvolvimento Cognitivo

Piaget observou o modo como o pensamento das crianças desenvolvia-se durante a infância e a adolescência e propôs sequências universais de desenvolvimento cognitivo. Piaget respondeu a questão ñComo o conhecimento do mundo de uma criança muda com a idade?ò ele trouxe a suposição de que a criança constrói seu entendimento do mundo através de sua participação ativa no desenvolvimento. De acordo com Piaget, o desenvolvimento cognitivo ocorre através das interações entre o individuo e o seu objeto de conhecimento. (PÁDUA, 2009).

Para a compreensão de sua teoria, Piaget desenvolveu alguns conceitos, como o conceito de esquemas que são ñestruturas cognitivas básicas que consistem padrões organizados de comportamento utilizados em diferentes tipos de situaçõesò (PAPALIA, OLDS e FELMAN, p. 197, 2006). Eles servem para representar as ações básicas de conhecer e categoriza-las como ações físicas (esquemas sensórios-motores) e também ações mentais, como classificar, comparar e inverter, ou seja, para ele o conhecimento é como ações mentais ou físicas, sendo estas ações entendidas como esquemas (BEEN e BOYD, 2011).

Os esquemas que não se ajustam são transformados a partir da adaptação, mas para que essa adaptação ocorra é preciso que haja subprocessos, sendo eles a assimilação, a acomodação e a equilibração. A teoria os conceitua da seguinte forma: (BEEN e BOYD, 2011).

Assimilação é o processo de absorver novas experiências e torná-las esquemas. Essa nova informação é modificada para se ajustar aos esquemas preexistentes;

Acomodação é o segundo processo da adaptação, ela modifica algum esquema por causa de novas experiências ou então cria novos esquemas, uma vez que os velhos esquemas não estejam mais administrando os dados;

Equilibração é o terceiro processo, ela estabelece um equilíbrio entre a assimilação e a acomodação fazendo uma reestruturação periódica dos esquemas.

O autor diz que há três pontos de equilibração e cada um marca um estágio do desenvolvimento. O primeiro ocorre dos 18 aos 24 meses, em que a criança passa dos esquemas sensoriais e motores simples e começa a usar os primeiros símbolos; entre os 5 e 7 anos ocorre o segundo ponto, é quando a criança acrescenta um novo conjunto de esquemas operativos (mais abstratos e gerais); e o terceiro ponto de equilibração acontece na adolescência, em que o sujeito consegue agir sobre ideias, eventos ou objetos. A partir desses três pontos são produzidos os quatro estágios do desenvolvimento, no qual as crianças usam diferentes formas de influenciar o mundo em torno delas. (BEEN e BOYD, 2011).

Piaget observou seus filhos e algumas crianças e identificou que o modo de pensar das crianças é qualitativamente diferente dos adultos. Ele observou o desenvolvimento dos pensamentos desde a infância até a adolescência e com isso indicou etapas do desenvolvimento cognitivo, são elas: *período sensório-motor, pré-operatório, operatório concreto e operatório formal* (PAPALIA, OLDS e FELMAN, 2006).

A primeira fase é denominada de período **sensório-motor,** do nascimento a aproximadamente dois anos. É o período que antecede a linguagem, com isso a sua inteligência é prática, com ações e percepções (PADUA, 2009). Nessa fase o bebê não tem consciência do eu e do mundo externo, ao mesmo tempo em que é o centro ele não tem consciência de si. O

conhecimento só é possível pelas suas ações, sendo essas desordenadas, o conhecimento é privado e não compartilhado. A partir dos reflexos iniciam-se os esquemas. E aproximadamente aos doze meses ele começa a descentralizar. Nesse estágio os bebês aprendem sobre si mesmos e sobre seu ambiente, através de suas habilidades sensoriais e motoras (PAPALIA, OLDS e FELMAN, 2006).

O autor diz que esse período é demasiadamente importante para o seu desenvolvimento, nos primeiros meses a criança não tem noção de objeto de permanência, ou seja, ela não busca por objetos que estão fora do seu campo de visão. Essa fase é caracterizada pelo desenvolvimento cognitivo de objeto de permanência, pela construção de tempo e espaço, causalidade (percepção de objeto no mundo que interage com outros objetos) e meios e fins (compreende natureza de objetos e possibilidade de ações sobre estes) (PADUA, 2009).

A segunda fase é chamada de período **pré-operatório,** vai de aproximadamente dois anos de idade até os sete anos. Nessa fase ocorre uma modificação na qualidade da inteligência, o agir e o saber, o pensamento e a linguagem agem separados. Com o surgimento da linguagem a criança começa a concretizar as suas ações, ela coloca em prática os conhecimentos adquiridos na fase sensório-motor. Esse é o estágio da representação, ou seja, capacidade de pensar um objeto através de outro. (PADUA, 2009).

Essa fase é marcada pela capacidade de usar símbolos, a criança começa fazer brincadeiras ñde faz de contaò e também ocorre a introdução ao mundo da linguagem, observa-se que há um desenvolvimento das estruturas mentais (BEEN e BOYD, 2011).

Nesse período é introduzido a moralidade a partir de a aproximadamente os 5 anos, em que a criança aprende sobre valores, regras, virtudes, noção de certo e errado, mas ela não entende a razão dessas regras (PADUA, 2009).

Até os quatro anos a criança apresenta egocentrismo, não quer dizer egocentrismo no sentindo de ter o pensamente somente voltado para si, mas que supõe que todos veem o mundo da mesma forma que ela, apesar de ter noção dela mesma. A partir dos cinco anos o egocentrismo começa a diminuir e ela entra em contato com o pensamento do outro. E inicia-se a fase dos ñpor quêsò. (BEEN e BOYD, 2011).

O próximo período é o **operatório completo** (7 a 11 anos). Aproximadamente dos 7 aos 8 anos, a criança começa a ser capaz de pensar em uma ação e mudar esse pensamento, ñoperação é uma ação interiorizada reversível e coordenadaò (PADUA, 2009). Desenvolve a noção de tempo, espaço, ordem, causalidade, consegue lidar com conceitos abstratos e a resolver problemas concretos (PADUA, 2009).

Dos 8 aos 11 anos, começa a ter noção de reversibilidade, como por exemplo, consegue dizer que copos com estruturas diferentes tem a mesma capacidade (BEEN e BOYD, 2011).

A última fase é o **operatório formal** (11 a 14). Nessa fase a criança tem a habilidade de ter pensamentos hipotéticos, é capaz de fazer deduções sem ter visto algo e de trabalhar com metáforas, e consegue diferenciar o eu do objeto. Atinge o nível mais elevado do desenvolvimento cognitivo (BEEN e BOYD, 2011).

4.1.2 Desenvolvimento Psicossocial

Como mencionado anteriormente a personalidade faz parte do desenvolvimento psicossocial, mas esta será descrita especificamente no capítulo 4.2.

O teórico Erick Erickson afirma que o período da infância é de suma importância para o desenvolvimento. Ele foca sua teoria no senso de identidade e afirma que a identidade continua sendo formada durante a idade adulta. Ele propõe estágios psicossociais, acreditando que as demandas culturais comuns na sociedade para cada idade, são fatores importantes que influencia no desenvolvimento (BEEN e BOYD, 2011).

> A personalidade específica que uma criança desenvolve depende do grau de sucesso que ela tem em se movimentar através dos vários estágios. Em cada estágio, a criança requer um tipo particular de ambiente de apoio a fim de resolver com sucesso aquele dilema em particular ou satisfazer aquela necessidade. Uma criança que não tem o ambiente necessário terá uma personalidade muito diferente daquela cujo ambiente é parcial ou completamente adequado (BEEN e BOYD, p. 270, 2011).

A teoria diz que cada estágio psicossocial o ego passa por uma crise, a qual dá nome ao estágio. Essa crise pode ter um efeito positivo ou negativo. Os resultados quando positivos gera um ego mais forte, os negativos gera um ego fragilizado. A personalidade é reestruturada a cada crise diante desses resultados positivos ou negativos (RABELLO e PASSOS).

Para Erickson os estágios psicossociais desenvolvidos por ele, são como estágios do desenvolvimento da personalidade, abrangendo a confiança, autonomia, iniciativa, diligência, identidade, intimidade, generatividade e integridade do ego (BEEN e BOYD, 2011). Os estágios estão descritos na tabela 01:

Tabela 01 - Os oito estágios psicossociais do desenvolvimento de Erikson

Idade aproximada (em anos)	**Qualidade do ego a ser desenvolvida**	**Algumas tarefas e atividades do estágio**
0-1	*Confiança básica versus desconfiança básica*	Desenvolver confiança na mãe ou cuidador central e na própria capacidade de fazer as coisas acontecerem, um elemento chave em um apego seguro precoce.
2-3	*Autonomia versus vergonha, dúvida*	Desenvolver habilidades de andar, agarrar e outras habilidades físicas que levam a livre escolha; completar o treinamento da toalete; a criança aprende controle, mas pode desenvolver vergonha se não manejado adequadamente.
4-5	*Iniciativa versus culpa*	Aprender a organizar atividades em torno de algum objetivo; tornar-se mais assertivo e agressivo.
6-12	*Diligência versus inferioridade*	Absorver todas as habilidades e normas culturais básicas; incluindo habilidades escolares e uso de ferramentas.
13-18	*Identidade versus confusão de papel*	Adaptar o senso de self a mudanças físicas da puberdade, fazer escolha ocupacional, alcançar identidade sexual do tipo adulto e buscar novos valores.
19-25	*Intimidade versus isolamento*	Formar um ou mais relacionamentos íntimos que vão além do amor adolescente; casar e formar grupos familiares.
26-40	*Generatividade versus estagnação*	Ter e criar filhos, focar-se na realização ou na criatividade ocupacional, e treinar a próxima geração.
41 +	*Integridade do ego versus desespero*	Integrar estágios anteriores e a alcançar uma identidade básica; aceitar-se.

Fonte: Sintetizado Been e Boyd, p.271, 2011.

No estágio confiança básica x desconfiança básica, segundo o autor a posição do autor é essencial para determinar o senso de confiança desenvolvido. Pais afetuosos e que respondem de forma presumível e de segurança seus filhos desenvolvem senso de segurança firme. Ao contrário pais ríspidos, imprevisíveis e abusivos causam nos filhos senso de desconfiança (BEEN e BOYD, 2011).

Quando os cuidadores não conduzem as tentativas de independência da criança e essa vivencia várias experiências de fracasso, quando ela tiver que passar por novas experiências poderá sentir vergonha e dúvida (BEEN e BOYD, 2011).

Entre quatro e cinco anos a criança desenvolve mais habilidades cognitivas e com isso ela tem iniciativas de experimentar novos desafios, mas algumas vezes pode falhar nessas tentativas. A posição dos pais diante dessa falha pode ser prejudicial ou facilitadora, é prejudicial quando eles são sempre punitivos ou restritivos diante dessa situação (BEEN e BOYD, 2011).

O período de seis aos doze anos tem a função de desenvolver habilidades impostas pela sociedade e a criança tem a necessidade de ser competente. Quando a criança tem dificuldade em desenvolver essas habilidades, como aprender a ler e escrever, ela pode desenvolver senso de inferioridade (BEEN e BOYD, 2011).

4.1.3 Teoria Ecológica do Desenvolvimento

A teoria dos sistemas familiares traz a ideia de que ñA família é uma rede integrada de fatores que operam juntos para influenciar o desenvolvimento de uma criançaò (BEEN e BOYD, p. 361, 2011).

A abordagem bioecológica de Urie Bronfenbrenner traz a concepção de que família e o ambiente tem efeito sobre o desenvolvimento. O modelo ecológico trouxe grande contribuição de conhecimento para psicologia do desenvolvimento, quando Bronfenbrenner (1998), desenvolve a teoria Ecologia do Desenvolvimento humano (BEEN e BOYD, 2011).

Na teoria e ecológica o desenvolvimento humano é resultado da interação entre o sujeito e seu meio ambiente. A partir da interação entre a pessoa e o meio ambiente o comportamento evolui (BRONFENBRENNER, 1996).

> Para ele o meio ambiente ecológico é constituído por uma série de estruturas, encaixadas uma dentro da outra, representando os diferentes meios em que o indivíduo transita de forma direta ou indireta. Estes ambientes atuam como sistemas de influência na construção das suas identidades. Nesta abordagem, todos os ambientes estão inter-relacionados e o importante é a maneira como a pessoa percebe os ambientes e interage dentro deles e com eles (GOLDBERG, YUNES, FREITAS, 2005).

Para representar seu modelo ecológico, o autor compõe quatro estruturas que tem características próprias, mas se relacionam, são elas*: o microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema* (BARRETO, 2016).

O sistema mais interno é o **microssistema**. É o ambiente em que o sujeito mais convive diretamente, na maioria dos casos é a família e a escola da criança. Nesse sistema o sujeito tem a oportunidade de experimentar interações por tempo prolongado, é o lugar de experimentar rotina, tem características específicas. Ao considerar a família como o núcleo desse sistema mais importante para o desenvolvimento humano, é essencial se alertar para a qualidade do relacionamento entre a criança e sua família, pois para um desenvolvimento saudável é essencial que haja comunicação entre eles, que a família estimule a criança e interaja com ela (GOLDBERG, YUNES, FREITAS, 2005).

O mesossistema é o processo que estabelece inter-relação entre os microssistemas, em que o sujeito seja ativo diariamente, como a relação casa-escola. O **exossistema** é composto por um ambiente ou mais de um, porém em que a pessoa não esta ativa diariamente, porém ela é impactada com as alterações que ocorrem nesse ambiente (BARRETO, 2016).

E o **macrossistema** é o nível mais amplo composto pela sociedade, valores culturais, estilo de vida, crenças, aspectos históricos, sociais, ideológicos vividos por várias pessoas. Esse sistema afeta e é afetado pelos outros sistemas e com isso afeta diretamente o desenvolvimento da criança (BARRETO, 2016).

A teoria de Urie Bronfenbrenner (1996), tenta explicar como a interação entre as variáveis do meio ambiente causa efeito no desenvolvimento humano e também como todas essas variáveis estão inter-relacionadas com a concepção biológica. Com isso pode-se dizer que a família, interferências diretas ou indiretas do ambiente, o fator biológico tem efeito no desenvolvimento da criança, podendo ser fatores de proteção ou de risco para o seu desenvolvimento (BARRETO, 2016).

4.2 Estilos Parentais

Há na literatura diversos autores que formularam modelos teóricos para pesquisar como a educação parental tem efeito no desenvolvimento dos filhos, entre eles encontram ï se Baumrind, Maccoby, Martin, Darling e Steinberg. Com as pesquisas destes autores foi possível identificar dois processos na relação de pais e filhos, os estilos parentais e as práticas parentais (VALENTINI e ALCHIERI, 2009).

Os autores Darling e Steinberg (1993) consideram importante diferenciar estilo de prática educacional parental. A saber, as práticas parentais correspondem aos comportamentos

dos pais diante de conteúdos específicos e que objetivam a socialização da criança. São estratégias usadas por eles para alcançar conteúdos específicos, como o uso de recompensas ou punições, explicações para incentivar ou suprimir comportamentos adequados. Já os estilos parentais se caracterizam como padrão de atitudes utilizadas pelos pais na interação com o filho, expressa num clima emocional, incluindo as práticas parentais e outras formas de interação, entre eles o tom de voz, a linguagem corporal e a atenção (WEBER; PRADO; VIEZZER e BRANDENBURG, 2004).

O modelo teórico de Gomide (2006) descreve sete práticas parentais, sendo duas consideradas positivas - monitoria positiva (atenção na localização dos filhos e atividades que ele exerce, auxilio em sua adaptação aos novos contextos) comportamento moral (ensinar valores morais), e cinco consideradas negativas ï negligência (ausência dos cuidados básicos, atenção e afeto), abuso físico e psicológico (agressão física, ameaças e chantagens), disciplina relaxada (descumprimento das próprias regras pré-estabelecidas pelos pais), punição inconsistente (punir ou reforçar comportamentos dos filhos de acordo com o humor dos pais) e monitoria negativa (excesso de regras) (RODRIGUES e NOGUEIRA, 2016).

Em 1966, Diana Baumrind foi pioneira nas pesquisas sobre a relação entre pais e crianças e adolescentes. A autora integrou os aspectos emocionais e comportamentais no sistema de estilos parentais. Ela enfatiza sobre a posição de autoridade e poder dos pais em relação aos filhos, nesse controle estão as crenças e os valores dos pais. Seu estudo fala a respeito do efeito da autoridade dos pais no desenvolvimento dos filhos, trazendo uma nova visão de controle, não sendo mais a rigidez e punição física, que até então era utilizada. Os padrões de autoridade dos pais deve objetivar socializar o filho, através da confrontação direta, da supervisão e disciplina consistente (CASSONI, 2013).

Baumrind (1966), diz que através das variações do nível de controle, do afeto e da comunicação entre pais e filhos é possível definir três estilos parentais, nomeados de autoritário, autoritativo e permissivo (VALENTINI e ALCHIERI, 2009).

Os pais com estilo autoritário são rígidos, restritivos, exigentes com as regras impostas e transmitem baixa afetividade (CARDOZO e VERISSIMO, 2013). Não incentivam a autonomia, não aceitam questionamentos e opiniões da criança. Enfatizam a obediência e o respeito à ordem e valores, usando o método punitivo (VALENTINI e ALCHIERI, 2009).

No controle parental permissivo os pais têm maior tolerância e aceitação diante das vontades da criança, eles exercem baixo nível de autoridade, estabelecem pouco controle,

limites e restrições, diante disso não é estimulado o desenvolvimento de responsabilidade. E são pouco punitivos. Desse modo a criança direciona o seu próprio comportamento (CARDOZO e VERISSIMO, 2013).

Por fim, no controle autoritativo são pais que também estabelecem regras, controle e limites, mas de forma racional, orientada, em que o raciocínio é compartilhado, incentivam o diálogo e a autonomia, eles respeitam a individualidade do filho (WEBER; PRADO; VIEZZER e BRANDENBURG, 2004). E também oferecem afeto, suporte a criança e promovem um ambiente estimulante (VALENTINI e ALCHIERI, 2009).

Os resultados das pesquisas de Baumrind apontaram que diante do controle parental utilizado pelos pais, as crianças apresentam maior ou menor grau de competência social. Com isso, a autora identificou que modelo autoritativo é o mais eficiente, pois as crianças educadas com o estilo autoritativo apresentaram maior maturidade, independência, responsabilidade e assertividade (WEBER; PRADO; VIEZZER e BRANDENBURG, 2004).

Os estudos de Baumrind, serviram de base para outros autores que implementaram o seu modelo, como Maccoby e Martin em 1983, eles mantiveram os estilos autoritário e autoritativo, mas ampliaram o padrão permissivo em mais dois estilos, o indulgente e o negligente. Esses quatro estilos passam a ser distinguidos pelas dimensões de exigência (comportamentos parentais de controle dos filhos, estabelecendo limites e regras) e responsividade (comportamentos parentais de apoio, favorecendo a individualidade do filho) (VALENTINI e ALCHIERI, 2009). Desse modo o estilo autoritativo apresenta alto nível de exigência e responsividade; estilo autoritário apresenta nível alto de exigência e baixo de responsividade, estilo indulgente nível alto de responsividade e baixo de exigência; estilo negligente nível baixo de exigência e de responsividade (CASSONI, 2013).

No Brasil os pesquisadores Gomide e Teixeira desenvolveram um instrumento com objetivo de analisar padrões de interação entre pais e filhos e para estudar como tornar mais eficazes as interações familiares quanto à educação dos filhos (RINHEL-SILVA, CONSTANTINO e RONDINI, 2012).

Autores como Baumrind (1996 e 1997); Darling e Steinberg (1993); Weber, Viezzer e Brandenburg, (2003); Weber, Prado, Viezzer e Brandenburg, (2004); entre outros pesquisadores, realizaram pesquisas empíricas que apontam que os estilos educacionais parentais tem influência no desenvolvimento de psicopatologias, no ajustamento social e no desempenho escolar das crianças e adolescentes (CASSONI, 2013).

As pesquisas empíricas indicam que os estilos parentais são importantes para o desenvolvimento das crianças e adolescentes. As pesquisas de Weber, Brandenburg e Viezze mostraram que filhos de pais autoritativos são mais otimistas, apresentam autoestima e autoconfiança elevada, baixo índice de depressão e ansiedade, melhor desempenho escolar, menor tendência a comportamentos antissociais, delinquência e uso de drogas (RINHEL-SILVA, CONSTANTINO e RONDINI, 2012).

Os resultados dessas pesquisas mostraram que as crianças submetidas a estilos autoritários tendem a apresentar-se mais apreensivas, inseguras, agressivas, dependentes, baixa regulação emocional, baixo autoconceito, maior tendência a delinquência e pouca responsabilidade social (CARDOSO E VERÍSSIMO, 2013). Segundo Weber, Prado, Viezzer e Brandenburg (2004), as pesquisas evidenciaram que filhos de pais autoritários tendem a ter sintomas depressivos e ansiosos, apresentam comportamento de agressão verbal ou físico, tendem a mentir e destruir objetos.

Os filhos de pais permissivos são mais propensos a usar álcool e tabaco, problemas de habilidades sociais, baixo autoestima, depressão, alto nível de estresse, e problemas comportamentais e afetivos (WEBER; PRADO; VIEZZER e BRANDENBURG, 2004). De acordo com Cardoso e Veríssimo (2013), as pesquisas mostram que o estilo permissivo pode comprometer o desenvolvimento escolar e social, as crianças apresentam dificuldade de autonomia, regulação emocional, baixa capacidade de assertividade, de responsabilidade social, autoconfiança e autoestima, e tendem a ser mais agressivos.

Por fim, os filhos de pais autoritativos apresentaram nas pesquisas aspectos positivos de competência psicológica e baixo nível de problemas comportamentais (WEBER; PRADO; VIEZZER e BRANDENBURG, 2004). Essas crianças mostram melhor desenvolvimento acadêmico, são mais pró-sociais, apresentam menor índice de externalização e internalização, melhor capacidade de assertividade, de regulação emocional e competência social, autoestima e autoconfiança elevadas, baixo nível de sintomas de depressão e ansiedade (CARDOSO E VERÍSSIMO, 2013).

Esses estudos empíricos contribuíram no conhecimento sobre o efeito do comportamento dos pais nos filhos. Junto com o estilo autoritativo, que mostrou ser o mais eficiente, é importante que os pais equilibrem os estilos de exigência e permissividade, para contribuir com a saúde mental das crianças e adolescentes (RINHEL-SILVA, CONSTANTINO e RONDINI, 2012).

Tabela 02 - Definição de estilos parentais, consequências e exemplos

Estilo parental	Relação entre limite e afeto	Consequência para a criança	Exemplos
Autoritário	Pouco afeto e muito limite. Cuidadores com esse estilo acreditam que o medo é o caminho para o respeito. O desejo da criança raramente é levado em conta.	Afastamento emocional dos pais. Forma um EU inseguro quanto à capacidade de agir no mundo. Pode gerar comportamento desafiador e opositivo, assim como depressão e evitação do convívio familiar.	Estratégias punitivas são usadas com mais frequência, assim como ordens imperativas e ameaças severas.
Participativo/ Autoritativo/ Democrático	Equilíbrio entre limites e afeto. Pais consideram e validam as necessidades da criança. Também estabelecem respeito e limite, por meio da admiração e do amor.	Desenvolve o senso de negociação e respeito. Assertividade para expressar seus medos, seus desejos e pensamentos. Autoconfiança de ser capaz de agir no mundo de forma segura e válida.	Proximidade dos laços afetivos. Pais reforçam positivamente o comportamento de seus filhos: ñJoia, gostei de ver, muito bem, você conseguèò, ao mesmo tempo em que os convida a resolver problemas individuais e familiares.
Permissivo/ Indulgente	Muito amor e pouco limite. Pais, em geral, acreditam que a criança deve se desenvolver sozinha e depositam muita expectativa na capacidade de escolha do filho. Por culpa, insegurança ou falta de assertividade pessoal, dizem mais SIM do que NÃO e abdicam das próprias necessidades, colocando as do filho sempre na frente.	Criança egocêntrica e autocentrada. Acha-se com mais direitos do que os demais no mundo. Sente-se o SUPER. Ao mesmo tempo, não se fortaleceu emocionalmente, apresentando fragilidade emocional e dificuldade de lidar com negativas e desafios da vida.	Pais deixam de assistir ao jornal para que os filhos vejam desenho. Não ensinam a criança a esperar, não convidam a criança a participar ativamente da rotina familiar, etc. ñFilhos egoístas, pais abandonadosò.
Negligente	Pouco afeto e pouco limite. Pais não estão envolvidos com o desafio de educar. Não atendem às necessidades básicas da criança, atribuindo a ela muita responsabilidade.	Ou a criança se perde no mundo, buscando outras fontes de validação, ou torna-se um adulto muito cedo sem ter o direito infantil de brincar e	Pais ignoram e não participam da vida das crianças. Crianças passam muito tempo em frente à TV e jogando games.

		descobrir talentos e habilidades.	Geralmente precisam assumir o autocuidado e as responsabilidades sobre si, e às vezes, sobre irmãos.

Fonte: Adaptado de Baumrind (1989) e Weber, Prato, Viezzer e Brrandenburg (2004), citado por Reis et al. P.368, 2019.

4.3 Teoria do Apego

Em 1997, o psiquiatra e psicanalista John Bowlby e a psicóloga Mary Ainsworth desenvolveram a Teoria do Apego, para isso eles relacionaram de forma sistêmica diversos saberes como a psicanálise, evolucionismo, behaviorismo e a psicologia cognitiva, proporcionando grande contribuição para a psicologia do desenvolvimento (REIS et al., 2019).

O termo apego é usado no sentido de contato e proximidade, utilizado para descrever o Sistema de Apego que faz parte dos Sistemas Comportamentais. O sistema de apego usa a estratégia de aproximar o sujeito de sua figura de apego e o seu objetivo é a proteção. Nos primeiros meses o Sistema de Apego orienta o vínculo de apego entre a criança e seu cuidador (REIS et al., 2019).

Com o desenvolvimento cognitivo e emocional da criança e com a qualidade dos procedimentos do cuidado, o vínculo afetivo se fortalece e se desenvolve. Por isso, a Teoria do Apego tem como pressuposto básico que ñas primeiras relações de apego, estabelecidas na infância, afetam o estilo de apego do indivíduo ao longo de sua vidaò (DALBEM e DELLôAGLIO, 2005).

Quando ocorre alguma espécie de ameaça no ambiente do sujeito o sistema de apego é ativado para que ele se aproxime da figura de apego para garantir proteção. A partir do momento que essa aproximação ocorre, o sistema de apego é desativado, regulando as emoções da criança, uma vez que essa figura de apego seja presente e responsiva. Em crianças maiores ouvir a voz de sua figura de apego por telefone ou ver foto pode ser suficiente para desativar esse sistema. Quando isso não acontece frequentemente, a criança sofre o impacto de negligencia e abuso e pode desenvolver transtornos de ansiedade na vida adulta (REIS et al., 2019).

A teoria do apego é definida como um sistema de vínculo social que estabelece senso de segurança com a sua figura de apego. Na presença dessa figura de apego pode ser experimentada a noção de segurança e conforto, que funciona como ñbase seguraò, permitindo que a criança explore o mundo (RAMIRES e SCHNEIDER, 2010).

O comportamento de apego é um conceito da Teoria de Apego, ele refere-se a ações que ajuda o indivíduo a se aproximar e manter contato com outros sujeitos (DALBEM e DELLôAGLIO, 2005). São comportamentos como sorrir, chorar, fazer contato visual, chamar, agarrar, tocar, entre outros (RAMIRES e SCHNEIDER, 2010).

Outro conceito fundamental da Teoria de Apego é o de Modelos Internos de Funcionamento (MIFs), definido como ña capacidade de organizar informações sobre o mundo internamente, em uma espécie de modelo afetivo e mentalò (REIS, et al, 2019). Segundo Dalbem e DellôAglio (2015), as experiências com a figura de apego formadas na infância influenciará na construção da personalidade e no desenvolvimento. Os MIFs se constroem gradualmente e estabelecem a qualidade do apego, não são inflexíveis, mas tendem a serem os mesmos durante a vida.

Há nos sujeitos uma organização psicológica interna e também traços específicos, que constituem modelos do self e das figuras de apego. A teoria diz que quando a criança desenvolve a fala ela constrói modelos funcionais de como esperar que sua mãe, outros sujeitos e o ambiente iram se comportar a partir da interação dela mesma e dos outros. Esse modelo funcional tem efeito na percepção do sujeito que pode ser real ou distorcido (RAMIRES e SCHNEIDER, 2010).

> J. Bowlby (1989) descreveu o processo de construção dos modelos internos de funcionamento em termos de modelo de apego. A criança constrói um modelo representacional interno de si mesma, dependendo de como foi cuidada. Mais tarde, em sua vida, esse modelo internalizado permite à criança, quando o sentimento é de segurança em relação aos cuidadores, acreditar em si própria, tornar-se independente e explorar sua liberdade. Desse modo, cada indivíduo forma um "projeto" interno a partir das primeiras experiências com as figuras de apego. A imagem interna, instaurada com os cuidadores primários, é considerada a base para todos os relacionamentos íntimos futuros (DALBEM e DELLôAGLIO, 2005).

Com o resultado da pesquisa empírica de Ainsworth - ***ñ****Estudo psicológico da situação estranha****ò ï*** ela classificou os padrões de comportamento das crianças quando separadas da figura de apego em três categorias, apego seguro, inseguro-evitativo e inseguro-resistente. As

figuras de apego do grupo de apego seguro supriram as necessidades da criança de forma apropriada, rápida e consistente; as do grupo de apego inseguro-evitativo são figuras que rejeitavam as crianças, não correspondendo as suas necessidades; e as do grupo de apego inseguro-resistente são ansiosas e seu cuidado é inconsistente, ou seja, em algum momento recebeu cuidado e em outro não (REIS et al., 2019).

E em 1990, Main, acrescentou uma nova categoria, o apego desorganizado, para as crianças que apresentam comportamento contraditório, sem padrões de respostas e desorganização generalizada. A figura de apego dessas crianças, não tem capacidade de cuidar e o ambiente em que vivem é extremamente desestruturado, promovem medo e desorientação e não é oferecido proteção e segurança (REIS; et al, p. 60, 2019). As quatro categorias estão descritas na tabela 03:

Tabela 03 - Padrões de Apego

Padrões de Apego	**Reações da criança**
Seguro	A criança demonstra desejo pelo cuidador. É capaz de explorar o ambiente, pois se sente seguro, desde que o adulto não se afaste por períodos prolongados.
Inseguro ansioso/ambivalente	Desestabiliza-se na ausência do cuidador, pois interpreta a situação como uma ameaça. A criança expressa raiva e angústia diante da separação.
Inseguro evitativo	O afastamento do cuidador é ignorado, e não se esforça em manter o contato.
Desorganizado	A criança se sente confusa e desconfiada, pois recebe informação ambígua dos cuidadores quando há maus-tratos.

Fonte: Sintetizado Halperin e Carneiro, 2016.

As crianças que se caracterizam no grupo de apego desorganizado apresentam como consequência dificuldade de confiar nas pessoas e em seus instintos, pois ficam confusas e desconfiadas. Crianças com apego inseguro estão mais predispostas a desenvolverem doenças físicas e transtornos mentais. No DSM-4, o transtorno de apego reativo tem como sintoma principal problemas no vínculo social (HALPERIN e CARNEIRO, 2016). Crianças com apego inseguro-evitativo quando separadas de seu cuidador continuam brincando, podem brincar com desconhecidos e são pouco inibidos diante de estranhos, eles interagem pouco com sua figura de apego e quando estão em situação de estresse podem não procurar sua figura de apego

(DALBEM e DELLôAGLIO, 2005). Reis, at al (2019), diz que criança com apego inseguro-evitativo, podem parecer autosuficientes, mas isso não é positivo, pois é como se esta criança tivesse desistido de procurar cuidado.

Na clínica os psicólogos para identificar o apego do paciente podem utilizar os instrumentos da Situação Estranha de Ainsworth, ou a Entrevista de Apego Adulto de Main, ou instrumentos desenvolvidos a partir desses, mas também analisando o histórico e ambiente que o paciente estava inserido na infância (RAMIRES e SCHNEIDER, 2010).

O apego seguro eficiente auxilia na construção de fortes laços afetivos e de segurança entre a criança e sua figura de apego. A figura de apego é o lugar de proteção da criança, onde ela encontra proteção, conforto e cuidados, mesmo que não haja ameaça a criança volta para essa base segura (REIS et al., p.60, 2019).

De acordo com Dalbem e DellôAglio (2015) o modelo de apego desenvolvido na infância é influenciado pelo modo como a criança é tratada pelo seu cuidador e também por fatores genéticos e temperamentais, e isso irá ter efeito sobre o desenvolvimento socioemocional.

4.4 Personalidade

Na literatura diversos teóricos definem a personalidade, cada um com suas próprias particularidades e fatores, alguns autores acentuam os fatores da emoção, os pensamentos, os comportamentos e contexto social. Para Hall at al. (2000) a personalidade refere-se a padrões de respostas e comportamentos específicos de cada individuo e que o diferencia dos outros (ROCHA, 2013).

Segundo Rocha (2013), na terapia cognitiva o conceito de personalidade integra não somente os comportamentos, mas também as emoções e pensamentos, para explicar o funcionamento de diversos sistemas e suas inter-relações, desse modo para Beck e Alford (2000) e para a teoria cognitiva a personalidade está vinculada a processos esquemáticos que guiam o funcionamento psicológico, eles definem a personalidade como:

> [...] um constructo composto que representa a soma total das ações, dos processos de pensamento, das reações emocionais, e das necessidades motivacionais da pessoa, através dos quais ela, como organismo biológico geneticamente programado, interage com seu ambiente, influenciando-o e sendo influenciada por ele. (Ross, citado por Beck, A. T., & Alford, p. 32, 2000).

De acordo com Wainer (2016), a Terapia do Esquema ampliou o conceito de personalidade de Beck, integrando aspectos genéticos, a aprendizagem e o contexto afetivo, social e ambiental vivenciados na infância. Diante disso, a formação da personalidade é um processo natural e multifatorial, integra as características herdadas geneticamente, as quais constituem o temperamento, e os processos cognitivos, comportamentais, afetivos e motivacionais, experenciados no ambiente durante a infância e adolescência.

Há ideias convergentes sobre os atributos do temperamento, como: as características do temperamento surgem no desenvolvimento infantil e irão compor a personalidade; apresentam aspectos biológicos; suas dimensões são permanentes; fatores do ambiente podem influenciar a expressão de características do temperamento; e que o temperamento refere-se aos aspectos do comportamento que caracterizam diferenças entre cada sujeito, representando padrões do desenvolvimento (REIS et al., 2019).

No entanto, a Terapia do Esquema, caracteriza temperamento como aquele que determina a qualidade e intensidade das necessidades básicas emocionais do individuo em cada etapa do seu desenvolvimento infantil. Um sujeito pode ter mais necessidade de receber carinho e afeto do que outro, ou precisar de mais imposição de limites do que outro (WAINER, 2016).

Young et al. (2008), ressalta hipóteses de dimensões do temperamento: *lábil x não reativo; distímico x otimista, ansioso x calmo; obsessivo x distraído, passivo x agressivo; tímido x sociável*. O temperamento são combinações distintas em cada sujeito composta por pontos dessas dimensões, por isso há sujeitos mais tímidos e outros mais agressivos.

Os diferentes temperamentos submetem a criança a diferentes circunstâncias, como uma criança com temperamento agressivo, pode evocar em seus pais abuso físico ou verbal, mais do que uma criança passiva. Também observa-se o temperamento em irmãos que podem agir de modo diferente diante do mesmo tratamento dos pais, ou exemplo, crianças que sofrem negligência, as com temperamento sociável podem se adaptar melhor no decorrer da vida, pois tem facilidade para estabelecer conexões com outras pessoas, já crianças mais tímidas se tornam cada vez mais retraídas (YOUNG et al., 2008).

Também há a possibilidade do contexto familiar poder favorecer ou desfavorecer o temperamento da criança, como um ambiente familiar seguro, de amor e afeto pode ajudar a criança com temperamento tímido a ser mais sociável e amigável diante de certas situações, já

um ambiente familiar de rejeição pode fazer com que a criança sociável fique mais retraída (YOUNG et al., 2008).

4.5 Saúde Mental dos pais e o Desenvolvimento Infantil

Família refere-se a um grupo social que causa efeito na constituição dos indivíduos, como na organização e formação da personalidade. Através das práticas educativas também influencia no comportamento das crianças. A família geralmente é o primeiro lugar social em que a criança é inserida, na qual mantém constante interação por longos períodos (PRATTO e SANTOS, 2007).

O papel da família é auxiliar a criança em seu processo de socialização primária, ensinando normas, limites, responsabilidades, para que a criança aprenda a viver em sociedade (PRATTO e SANTOS, 2007). Portanto, segundo Patias, Siqueira e Dias (2013) os pais devem promover um lugar seguro e incentivador aos filhos para que eles tenham um desenvolvimento saudável e também devem ser oferecer segurança, afeto, educação, proteção e socialização.

Patias, Siqueira e Dias (2013), diz que o ambiente familiar é o lugar que irá promover a educação infantil, pois é o primeiro lugar em que ele aprende regras, normas e como se relacionar. Mesmo que a criança também receba influencia da escola, da mídia e amigos, os valores morais e de conduta são aprendidos em casa. A família também é o padrão cultural da criança, visto que há diferentes composições de família (PRATTO e SANTOS, 2007).

O desenvolvimento infantil é estabelecido por categorias físicas e mentais particulares e também pelo ambiente que a criança está inserida. Fatores de risco nesse ambiente podem causar prejuízos no desenvolvimento da criança, como baixa renda familiar, ambientes vulneráveis, pouco suporte social, baixa escolaridade dos pais, altos níveis de estresse, depressão e doenças mentais dos pais. Há também fatores de proteção que servem para minimizar os impactos de risco, eles funcionam como recursos sociais e pessoais, sendo ativados quando a criança esta submetida à fatores de risco para evitar prejuízos maiores no desenvolvimento (CID e MATSUKURA, 2010).

Uma pesquisa empírica investigou mães diagnosticadas com depressão, transtorno bipolar e esquizofrenia, e relacionou esses problemas mentais com estilos parentais. O resultado mostrou uma relação entre os transtornos mentais maternos e os estilos parentais permissivos, identificando ñprejuízos na confidência parental, na colocação de limites, por hostilidade verbal e baixo desempenho escolar dos filhosò. Autores relatam que práticas parentais de mães com

transtorno mental aumentam o fator de risco para que o filho tenha problemas cognitivos, sociais e comportamentais. (CID e MATSUKURA, 2010).

Segundo Cid e Matsukura (2010), um estudo sobre a relação entre transtorno mental em mães e o desenvolvimento infantil, mostrou que mães com transtorno mental tem menor capacidade para criar sincronia na interação com seu filho. Também evidenciou que algumas mães, independente do tipo de doença mental que tenha, mostram-se mais ansiosas, pessimistas e inseguras, brincam menos com os filhos, são pouco disponíveis e carinhosas e tem mais dificuldade em perceber as necessidades da criança.

A influência dos pais/cuidadores tem efeito e interfere no desenvolvimento da personalidade normal ou patológica dos filhos. A criança pode vivenciar diversas adversidades em sua vida, como violência física, psicológica ou sexual e a negligência, sendo estas as que mais acarretam prejuízos, principalmente quando praticados pela família ou por pessoas significativas (WAINER, 2016).

Essas adversidades podem acarretar distúrbios neuroquímicos, o que irá contribuir para o desenvolvimento de transtornos psicológicos e problemas comportamentais no futuro. Outros fatores que estão correlacionados com a origem dos transtornos mentais são as necessidades emocionais básicas, o temperamento, as interações ambientais, os estilos parentais e o contexto familiar (REIS et al., 2019).

> ñÉ justamente a interação entre o temperamento biológico inerente a cada criança e as experiências vivenciais em ambientes tóxicos que resulta na frustração dessas necessidades emocionais básicas, causando alta vulnerabilidade, carência emocional e disfunção comportamental na vida adultaò (FLANAGAN, 2010; YOUNG et al., 2003, citado por REIS et al., p.30, 2019).

As crianças que tem suas necessidades emocionais básicas supridas tendem a ter um ajustamento mental saudável e menor tendência a desenvolver transtornos de personalidade na fase adulta (WAINER, 2016).

Há diversos fatores que influenciam a percepção do mundo, como a aprendizagem por meio do ambiente que está inserido, a genética e predeterminações biológicas. A genética e o ambiente são bases para a cognição, como a memória, atenção, inteligência, capacidades sensoriais, além da personalidade (REIS et al., 2019).

Lopes e Lopes (2015), explicam como o funcionamento mental dos pais influencia a forma de educar os seus filhos e as consequências disso. De acordo com eles, o modo como o sujeito aprende a dar sentido aos fatos irá influenciar as suas emoções e comportamentos. Por exemplo, pessoas pessimistas e desesperançadas são propicias a se sentirem deprimidas, apresentam alto nível de estresse e tendência a se isolar. Portanto a percepção dos pais da vida tem efeito na sua forma de educar.

No livro ñConhecendo-se para educarò, os autores Lopes e Lopes (2015) apontam as características geradoras de saúde e do sofrimento por meio das ñIlhas da menteò, que mostram crenças sobre si, o outro e o mundo, são elas: *ilha da dependência; da evitação; obsessivo-compulsiva; narcisista; histriônica; paranóide; e passivo-agressiva.* Serão explicadas abaixo (LOPES e Lopes, 2015).

As ilhas tem seu lado adequado e inadequado. Na **ilha dependente** o lado adequado é representado pela boa capacidade de depender do outro na medida certa. O que interfere na dependência em ser saudável ou inadequada é a necessidade emocional afetiva. O afeto é uma das necessidades emocionais básicas, por isso é importante que os pais demonstrem afeto através de carinho, de palavras, dizendo que ama, para que os filhos sintam-se amados pelo que são e não pelo que fazem. Quando essa necessidade não é suprida a criança pode ter dificuldade em confiar nas outras pessoas e receber amor delas, traz prejuízo para a construção da autoestima e pode causar problemas na dependência do outro, levando a criança e posteriormente o adulto a sempre estar buscando um ñcuidadorò. E quando há excesso na demonstração de afeto, o sujeito pode ter ao longo de sua vida o pensamento de que necessita de um ñcuidadorò para protegê-lo e atender suas necessidades.

O cuidador que na sua infância desenvolveu problemas na dependência do outro, tem uma visão restrita da realidade de que precisa de alguém para atender suas necessidades, pensa que não é capaz de cuidar sozinho dos seus filhos e que outras pessoas são mais aptas que ele para isso e para organizar a sua família. E estão sempre precisando de auxilio e apoio para tomar decisões sobre como educar seu filho. Em algumas situações de urgência isso será um problema, pois ele estará sempre precisando do outro para agir, seja para levar a criança no médico, fazer compras no supermercado, comprar o material escolar, entre outras.

Os pais de uma criança dependente que reforçam sua crença de ser incapaz, não auxiliando o filho a ter autonomia, estabelecendo um ambiente de superproteção, quando ele estiver sozinho terá o sentimento de desamparo, o que fará com que a criança sinta tristeza e

medo. E o transformará em um adulto que pensa que não consegue agir sozinho ou que precisa da aprovação de alguém que seja mais capaz. Outro fator são pais extremamente catastróficos, a criança crescendo nesse ambiente pode ter medos exagerados de situações em que não há evidencias de perigo.

A **ilha da evitação** tem a função de ajudar o sujeito a perceber situações perigosas, fazendo com que ele tenha comportamento de esquiva/fuga. Porém, quando essa visão é exagerada, não condizendo com a realidade, a evitação passa a ser um problema para o sujeito e para sua família. Indivíduos que tem essa visão exagerada possivelmente são pessoas sensíveis a receber críticas e rejeição, pois tem crença de vulnerabilidade. Percebem as outras pessoas como críticas e superiores, com isso no momento de educar os filhos evita situações, emoções e pensamentos que poderão lhe causar desconforto sendo bastante permissível, e com isso cria a possibilidade de receber críticas de pessoas que estão ao redor. Pode ter comportamentos para evitar sofrimentos, angustias, preocupação entre outros em relação aos filhos. No futuro esses comportamentos de evitação trará prejuízo na relação entre pais e filhos e acarretará problemas no seu desenvolvimento da criança, pois não foi imposto a ele limites, não foi incentivada a autonomia e a responsabilidade.

Pais que não estimulam o filho a brincar com outras crianças e que não ensinam comportamentos sociais, podem fazer com que a criança tenha pensamentos de que não é capaz de interagir com os outros, por achar que será rejeitado e assim têm comportamentos evitativos.

A **ilha obsessivo-compulsiva** tem a função de auxiliar o sujeito a dar o melhor de si, porém se torna prejudicial quando os pais tem obsessão em acertar e medo excessivo de errar. Não se permitem errar e também não aceitam quando o outro erra. O cuidador para não ter falhas estabelece regras rígidas e inflexíveis para si e para seu filho. Quando algo de errado acontece, como por exemplo, o filho tirar uma nota ruim na escola, não olha para as outras notas boas, e caso os outros alunos também tenham tirado nota baixa, o cuidador então se critica pela escola que escolheu para seu filho. É caracterizado por ser excessivamente perfeccionista, crítico e controlador, porém se percebe como responsável e obstinado, acredita que quem erra deve ser punido até ele mesmo, o que é ruim para a criança, pois o erro tem que ser corrigido e não punido.

Crianças criadas em contexto extremamente rígido, exigente e punitivo propicia que a criança desenvolva padrões obsessivos em que ela não aceita fracassar, precisa sempre fazer tudo perfeito e ser excelente em todas as suas atividades, pois pensa que se errar irá decepcionar seus pais ou que eles lhe amaram menos. As criadas em ambientes de famílias desatentas

também podem torna-se obsessivas nesse mesmo sentindo, mas porque pensa que se conseguir ser perfeita seus pais valorizarão o seu desempenho. Levando a criança a ser pessimista, ser hipervigilante, ter preocupação excessiva e inibir suas vontades.

Na **ilha narcisista** os sujeitos sentem-se superiores, melhores e únicos e merecem tratamento e regras especiais. Cria fantasias para lidar com as capacidades que almejava ter, mas que não se esforça para alcançar. Sente raiva quando não fazem as suas vontades ou quando algo sai do seu controle. Utiliza os filhos apenas como troféu para ser exibido e não se preocupa com a suas necessidades, prejudicando o relacionamento entre pais e filhos.

Pais que não permitem que seus filhos se frustrem e que não sabem dizer não prejudicam o desenvolvimento normal das habilidades sociais para conviver bem com outras crianças. Podem acreditar que são superiores aos outros e que merecem privilégios. Essa criança terá dificuldade para cumprir regras e tolerar os desconfortos na escola ou em outras situações.

A **ilha histriônica** tem a função de ajudar na criatividade. O problema está quando o sujeito tem a necessidade excessiva de ter em todo momento a atenção do outro. Pais que querem sempre a atenção do filho, buscam ñchamar atençãoò dos familiares e quando não conseguem podem ser dramáticos e chateiam-se quando as pessoas só prestam atenção no seu filho e não nele. Isso acarreta em um ambiente tenso dentro de casa e carregado emocionalmente e seus filhos ficam sem saber como a agir com esse cuidador.

A **ilha paranoide** serve para auxiliar o sujeito a se defender de pessoas que tentam lhe prejudicar. O lado inadequado é quando o cuidador está sempre desconfiando dos comportamentos de seu filho ou cônjuge, pois têm pensamentos que as ações dos outros são destrutivas. Esse cuidador tem dificuldade em confiar nas pessoas, está sempre alerta, na educação dos filhos está sempre os punindo, para que eles não lhe causem mágoas. A relação familiar é prejudicada pelo medo constante da perseguição e angústia.

Crianças que crescem em famílias negligentes, em que ninguém se preocupa com ela ou em famílias explosivas e abusivas, tendem a ser supervigilantes, pois desconfiam das outras pessoas, pensando que elas irão magoa-la, ou querem manipulá-las ou querer alguma vantagem dela, percebendo o mundo como um lugar hostil.

Por fim a **ilha passivo-agressiva** ajuda a lidar com o controle dos outros em sua vida, porém quando o sujeito tem o pensamento de que estão sempre querendo controlar a sua vida, isso é algo ruim, pois não identifica quando alguém está somente preocupado, interessado ou orientando. Para evitar esse ñcontroleò foge das regras, mesmo aquelas essenciais. Os pais com essa crença tem dificuldade em educar, pois a vida familiar exige algumas renúncias de suas

próprias vontades, o que pode ser visto como controle, com isso pais que apresentam dificuldade em ser controlados podem sentir frustrados.

Somos em grande parte aquilo que aprendemos e recordamos (IZQUIERDO, 2011, citado por LOPES e LOPES, p.37, 2016). Estudos sobre desenvolvimento humano evidenciam a relevância da qualidade dos vínculos afetivos recebidos na infância.

A psicologia cognitiva diz que os indivíduos dão significado as situações a partir do que aprendeu, portanto a aprendizagem capacita o ser humano para se comportar no cotidiano, podendo agir no piloto automático. Com isso, quando o contexto emocional da infância foi saudável, o sujeito agindo sobre o piloto automático no momento em que for educar seu filho reproduzirá as práticas saudáveis, no contrário reproduzirá práticas educativas inadequadas (LOPES e Lopes, 2015).

Uma pessoa que não recebeu carinho e afeto na infância, pode ter dificuldade de dar isso para o seu filho e seu cônjuge, este, portanto podem também não lhe dar carinho, o que faz com que esse sujeito reviva os sentimentos de infância, se entristecendo por não receber carinho. Ou então quando recebe pode se sentir constrangido e não sabe lidar com a situação (LOPES e Lopes, 2015).

5 METODOLOGIA

5.1 Tipo de Pesquisa

Para o desenvolvimento da presente pesquisa será utilizado o método de Revisão Integrativa da Literatura. Esse método possibilita realizar síntese e análise do conhecimento existente a respeito do tema a ser pesquisado, de forma sistemática e ordenada, colaborando com os estudos sobre a temática. (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

A Revisão Integrativa da Literatura é uma abordagem metodológica ampla que propicia realizar a síntese de conhecimento, agregação dos resultados significativos, descrição de conceitos e fazer revisão de evidências e teorias. A revisão integrativa possibilita a integração de pesquisas experimentais e não experimentais, a literatura teórica e empírica para entendimento da questão analisada. Esse método permite identificar, analisar e sintetizar os conteúdos da questão científica, através do levantamento de diversos artigos (SOUZA, SILVA e CARVALHO, 2010).

Entende-se que as relações familiares são importantes para o desenvolvimento físico e psicossocial. Em decorrência disso, a presente pesquisa através de uma Revisão da Literatura teve como objetivo investigar como a saúde mental e os estilos parentais dos pais/cuidadores interferem na formação da personalidade e no desenvolvimento psicossocial de seus filhos, para responder a questão de quais são fatores de risco e prejuízos que essa relação pode acarretar.

5. 2 Instrumentos

Os instrumentos utilizados para a realização deste estudo foram artigos científicos.

5.3 Procedimento

As autoras Mendes Silveira e Galvão (2008) descrevem um modelo de procedimento dividido em seis etapas, este estudo será baseado neste modelo, utilizando somente quatro etapas que estão descritas abaixo:

1) Definição do tema e da problemática de pesquisa
    - Definição do tema de pesquisa
    - Definição dos objetivos
    - Definição da problemática de pesquisa

2) Busca nas bases de dados e amostragem das pesquisas
    - Escolha dos critérios de inclusão e exclusão de referências;
    - Busca nas bases de dados;
    - Seleção das referências.

3) Categorização dos estudos
    - Leitura integral dos textos;
    - Confecção de fichamentos;
    - Eleição das categorias de análise.

4) Análise e interpretação dos resultados
    - Análise e interpretação dos dados das referências;
    - Construção das discussões;
    - Propostas às pesquisas futuras.

5.3.1 Busca nas bases de dados e amostragem das pesquisas

A partir da definição do tema e do problema de pesquisa para o levantamento de dados, foi realizado a busca dos artigos nas seguintes bases de dados: Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e banco de teses e de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

No mês de setembro de 2020, utilizou-se diferentes combinações de descritores: ñsaúde mental dos paisò; ñestilos parentais e personalidadeò; ñsaúde mental e estilos parentaisò; ñestilos parentais e desenvolvimento psicossocialò. Entre os descritores foi utilizado o operador booleano ñANDò, para indicar a busca por textos que continham as palavras utilizadas. A combinação de descritores ñestilos parentais e desenvolvimentoò não apresentou resultados nas bases de dados utilizadas.

Os artigos encontrados foram armazenados em pastas para cada combinação de descritor e registrados em uma planilha indicando o título do artigo e a base de dados correspondente.

Os critérios de inclusão definidos para a seleção dos artigos foram: artigos publicados em português; artigos publicados no intervalo entre 2010 e 2020, artigos na íntegra que retratem a temática.

Os critérios de exclusão foram: dissertações de mestrado; artigos publicados em língua estrangeira; artigos publicados antes de 2010 e artigos fora da temática.

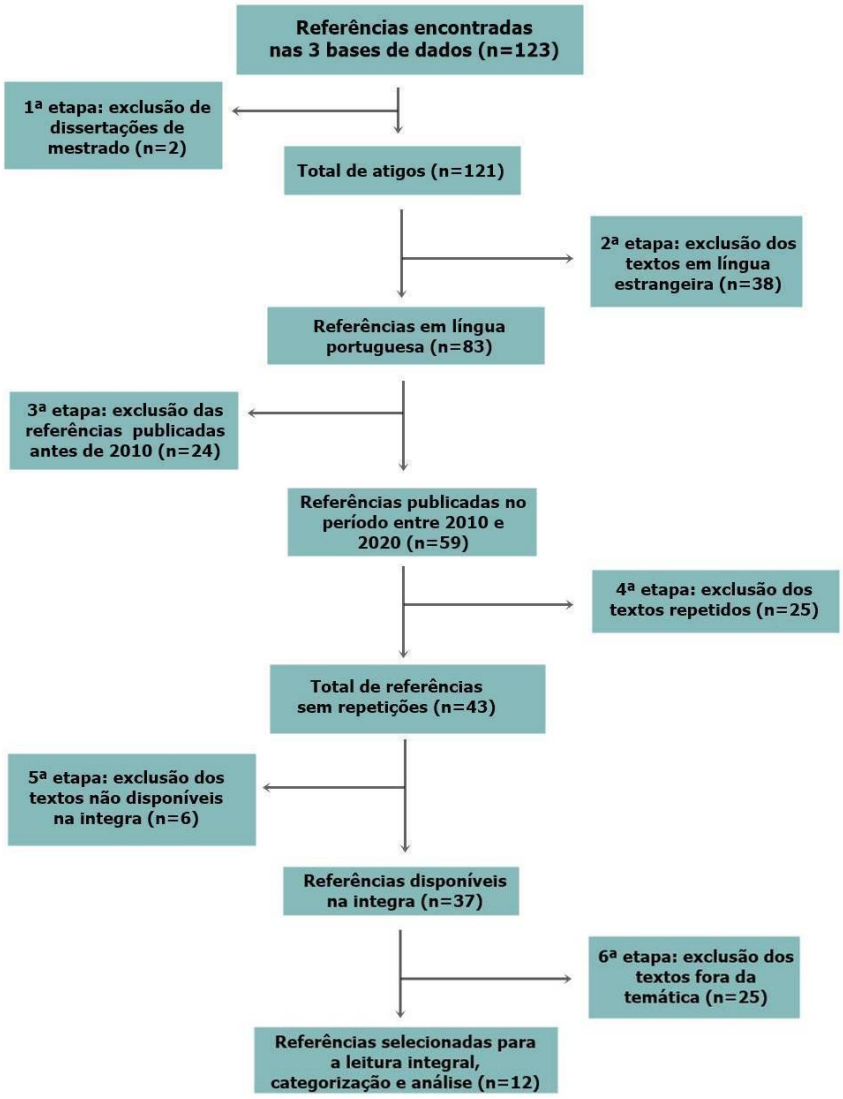
Os resultados da pesquisa foram nomeados com o título do estudo e registrado em uma planilha de acordo com a combinação dos descritores e base de dados. Os resultados encontrados na integra foram armazenados em pastas segundo a combinação de descritores.

Deu-se prosseguimento a próxima etapa, em que foi a confeccionado fichamentos para compreensão e análise dos artigos selecionados. Após isso foram nomeadas categorias de análise a partir das ideias que mais repetiam-se nos textos. Essas categorias são: 1) Relação entre saúde mental dos pais e práticas educativas parentais; 2) Associação entre Estilos Parentais e personalidade dos filhos; 3) Contexto familiar e situações de bullying; 4) Fatores de riscos para a saúde mental infantil.

6 RESULTADOS

Foram encontrados um total de 123 textos nas três bases de dados, sendo 31 encontrados no LILACS, 75 no portal de periódicos da CAPES e 17 na SCIELO. Desses, 2 referências eram dissertações de mestrado, 38 estavam em língua estrangeira, 24 foram publicados antes de 2010 e 16 artigos eram repetidos, portanto seguindo a metodologia eles tiveram que ser excluídos, como ilustra a figura 1:

Figura 01 - Fluxograma sobre as etapas de seleção das referências



Ao final do processo de seleção, 37 artigos tiveram seus resumos lidos para a verificação do conteúdo e 25 referências foram excluídas por apresentarem conteúdo fora da temática de pesquisa. Ao final, foram selecionadas 12 referências (tabela 04) para serem lidas na íntegra. Esses foram tabulados e atribuídos números de acordo com a ordem alfabética dos nomes dos

títulos. A tabela foi dividida em colunas para os títulos dos artigos, objetivos das pesquisas, metodologia, instrumentos utilizados, número da amostra, o local do estudo, tipo de revista na qual foi publicado, nomes dos autores e ano de publicação, como mostra a tabela 04:

Tabela 04 - Artigos selecionados para análise e categorização

N° do artigo	**Titulo**	**Objetivos**	**Metodologia Utilizada**	**Recursos Utilizados**	**N° da amostra**	**Local do Estudo**	**Tipo de Revista**	**Autores**	**Ano de publicação**
01	Apoio social, estilo parental e a saúde mental de crianças e adolescentes	Identificar as correlações entre o apoio social dos pais, as práticas parentais familiares e a saúde mental dos filhos	- Abordagem qualitativa e quantitativa - Pesquisa de campo	- Questionário de apoio social - Inventário de Estilos Parentais - Questionário de Capacidades e Dificuldades - Questionário de identificação e caracterização da criança e do adolescente	51 díades, pai ou mãe e seus filhos com idade entre 11 e 13 anos.	- Instituições não governamentais de atendimento à criança e ao adolescente, em situação de risco pessoal e social. - Cidade do interior do Estado de São Paulo	O Mundo da Saúde	- Sandra Midori Sakuramoto - Carolina Elisabeth Squassoni - Thelma Simões Matsukura	2014
02	Estilos parentais, competências sociais e o papel mediador da	Analisar o efeito dos estilos parentais no desenvolvimento das competê	- Abordagem quantitativa - Pesquisa de campo	- Parenting Styles & Dimensions Questionnaire: Short Version	1976 e adolescentes e jovens adultos, com idade	Região Norte de Portugal	Análise Psicológica	- Catarina Pinheiro Mota - Sara Duarte	2019

	personalidade em adolescentes e jovens adultos	ncias sociais e testar o papel mediador da personalidade.		(PSDQ) - Social Skills Questionnaire (Gresham & Elliott, 1990) - NEO Five Factor Inventory (NEO-FFI-20; Costa & McCrae, 1992)	entre os 14 e os 25.			Ferreira	
03	Estilos parentais e comportamentos de bullying em adolescentes e jovens adultos: Efeito moderador da personalidade	Analisar o papel dos estilos parentais e da personalidade no desenvolvimento de comportamentos de agressão e vitimação, assim como, testar o papel moderador da personalidade na associação anterior	- Abordagem qualitativa e quantitativa - Pesquisa de campo	- Questionário sociodemográfico - Questionário de Exclusão Social e Violência Escolar - Parenting Styles & Dimensions Questionnaire - Inventário de Personalidade dos Cinco Fatores	1976 adolescentes e jovens adultos, com idade entre os 14 e os 25 anos	Porto, Portugal	Análise Psicológica	- Catarina Pinheiro Mota - Monica Costa - Monica Pinheiro - Filipa Nunes	2019

04	Estilos parentais, inteligência emocional e o enfant terrible ï relações, implicações e reflexões	Compreender que influências exerce a parentalidade, morment e a componente emocional e o controlo na aquisição de competências emocionais e sociais dos jovens	- Abordagem qualitativa - Pesquisa bibliográfica	- Revisão de Literatura	Não especificado	Não especificado	Revista de Enfermagem Referência	João Miguel Pulquério de Paula	2012
05	Interfaces entre família e bullying escolar: uma revisão sistemática	Conhecer e mapear a produção científica que evidencia relações entre o contexto familiar e o envolvimento em situações de bullying escolar.	- Abordagem qualitativa - Pesquisa bibliográfica	Revisão sistemática da literatura	54 artigos	Ribeirão Preto, SP	Psico-UFS	- Wanderlei Abadio de Oliveira - Jorge Luiz da Silva - Andréa Cristina Mariano Yoshinaga - Marta Angélica	2015

								Iossi Silva	
06	Mães com transtorno mental e seus filhos: risco e desenvolvimento	Identificar e comparar os estilos parentais e os níveis de suporte social de mães com transtorno de humor com os de mães sem transtorno mental, bem como os níveis de desenvolvimento emocional de seus filhos	- Abordagem qualitativa - Pesquisa de campo	- Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB) - Mini International Neuropsychiatric Interview (MINI - Questionário de Capacidades e Dificuldades - Inventário de Estilo Parental - Questionário de Suporte Social (SSQ)	5 mães com transtorno mental e suas crianças e 5 mães sem transtorno mental e seus filhos	São Paulo	O Mundo da Saúde	- Maria Fernanda Barboza Cid - Thelma Simões Matsukura	2010
07	O Tipo de Vínculo entre Pais e Filhos está Associado ao Desenvolvimento de Comportamento	Investigar a associação entre o Transtorno Antissocial de Personalidade (TASP) e os Estilos	Abordagem Quantitativa - Pesquisa de campo	- Mini International Neuropsychiatric Interview (MINI) - Parental Bonding Instrument (PBI)	50 prisioneiros sem condenação prévia	Porto Alegre, Rio Grande do Sul	Revista Interamericana de Psicología	- Rafael Stella Wellausen - Denise Ruschel Bandeira	2010

	Antissocial ?	Parentais (EP)							
08	Perfeccionismo e Representação Vinculativa em Jovens Adultos	Investigar a relação entre os níveis de perfeccionismo e as representações de vinculação nos jovens adultos e averiguar a existência de uma relação entre as representações de vinculação e as diferentes dimensões de perfeccionismo	- Abordagem Quantitativa - Pesquisa de campo	- Questionário Sócio-Demográfico - Duas Escalas Multidimensionais de Perfeccionismo (MPS-F e MPS-H) - Inventário de Vinculação (IPPA).	690 jovens adultos	Faro, Portugal	Psicologia: Reflexão e Crítica	- Diana Fernandes Oliveira - Cláudia Carmo - José Pestana Cruz & Marta Brás	2012
09	Práticas Educativas e Indicadores de Ansiedade, Depressão e Estresse Maternos	Comparar as práticas parentais positivas e negativas de mães de bebês que têm ou não indicadores clínicos	- Abordagem qualitativa - Pesquisa de campo	- Inventário de Estilos Parentais de Mães de Bebês - BDI-III - IDATE - ISSL	100 mães, com bebês com idade entre seis e 12 meses	Bauru - SP	Psicologia: Teoria e Pesquisa	- Olga Maria Piazentin Rolim Rodrigues - Sária Cristina Nogueira	2016

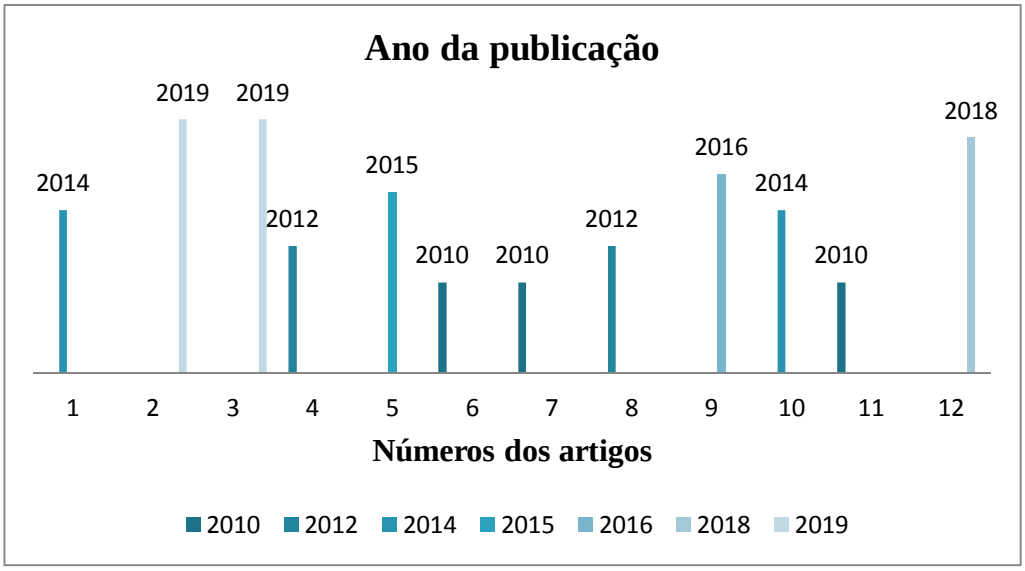
		de ansiedade, depressão e estresse.							
10	Preditores de Comportamentos e Competência Acadêmica de Crianças de Famílias Nucleares, Monoparentais e Recasadas	Investigar preditores de habilidades sociais, problemas de comportamento e competência acadêmica de crianças de famílias nucleares, monoparentais e recasadas, em um momento sensível do desenvolvimento, isto é, a transição para o primeiro ano do ensino fundamental.	- Abordagem quantitativa - Pesquisa de campo	- Inventário de Práticas Parentais - Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais - Inventário de Recursos do Ambiente Familiar	160 mães de	São Paulo	Psicologia: Reflexão e Crítica	- Vanessa Barbosa Romera Leme - Edna Maria Marturano	2014
11	Problemas de saúde	Identificar as	- Abordagem	- Inventário de	245 adolescentes	São Leopoldo, Rio	Psico-USF	- Silvia Pereir	2010

	mental na adolescência: características familiares, eventos traumáticos e violência	situações individuais, familiares e contextuais associadas às manifestações de desordens emocionais em adolescentes estudantes do ensino médio da região metropolitana de Porto Alegre	qualitativa - Estudo descritivo e transverso - Pesquisa de campo	Eventos Estressores na Adolescência - Triagem da Exposição de Crianças à Violência na Comunidade - Inventário de Estilos Parentais - Child Behavior Checklist versão YRF.		Grande do Sul		a da Cruz Benetti - Adriana Pizetta Brasil - Cristian Baqui Schwartz - Raíssa de Azevedo - Hass Vera Lúcia Melo	
12	Revisão sistemática sobre bullying e família: uma análise a partir dos sistemas bioecológicos	Analisar as relações entre o contexto familiar e o envolvimento em situações de bullying escolar.	- Abordagem qualitativa - Pesquisa bibliográfica	Revisão sistemática da literatura.	61 Artigos	Não especificado	Rev. Salud Pública	- Wanderlei Abadio de Oliveira - Jorge Luiz da Silva - Rosimár Alves Querino - Claudia Bene	2018

								dita dos Santos - Maria das Graças Carvalho Ferriani - Manoel Antônio dos Santos - Marta Angélica Iossi Silva	

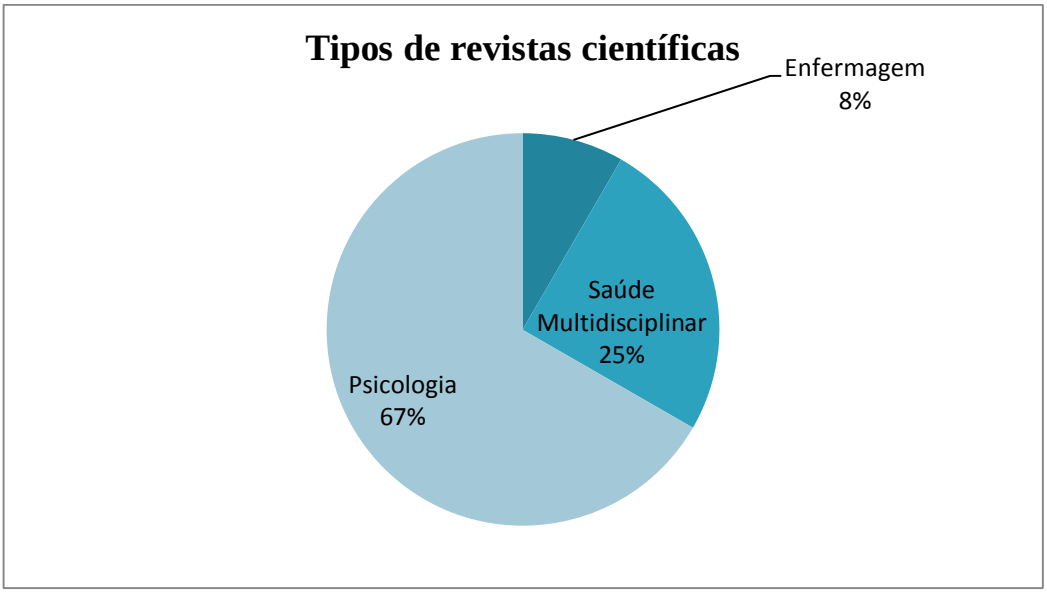
Dos artigos selecionados, os mais recentes são de 2019, artigo 02 e 03, totalizando 16,66% dos artigos analisados. E os mais antigos são de 2010, artigos 06, 07 e 11, totalizando 25% dos artigos analisados (gráfico 01).

Gráfico 01 - Ano de publicação dos artigos



Em relação aos tipos de revista nas quais os artigos foram publicados, houve uma distribuição nas áreas: enfermagem, psicologia e de veiculação de estudos e pesquisas da área da saúde. No gráfico 02 observa-se que a maioria dos artigos são da área da psicologia, totalizando 67%.

Gráfico 02 - Tipos de revistas científicas

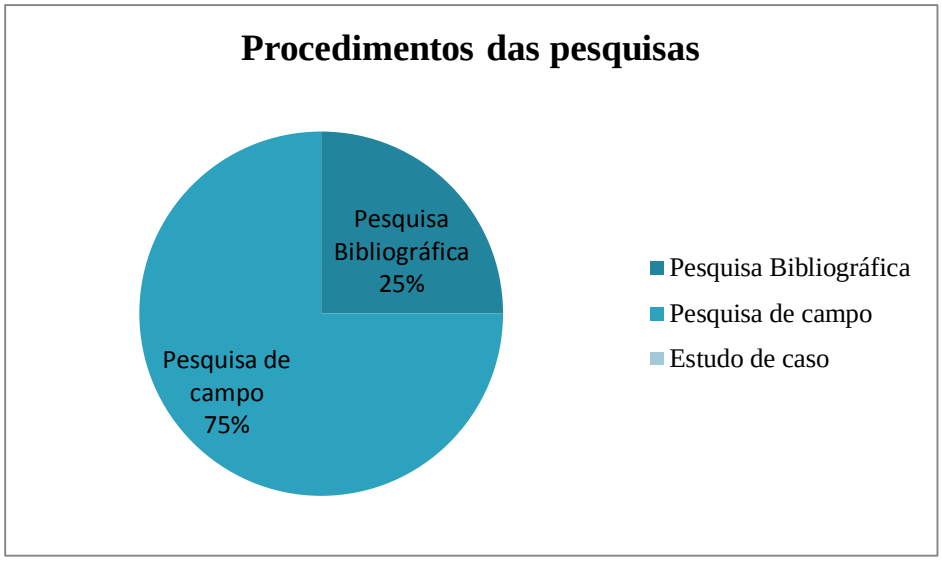


Quanto as regiões nas quais as pesquisas foram realizadas, desconsiderando os artigos que não indicaram o local de pesquisa, observa-se somente duas regiões do Brasil, a região sul - estado do Rio Grande do Sul, com 16,66% dos estudos selecionados e a região sudoeste - estado de São Paulo, com 41,66% dos estudos. E três pesquisas foram realizadas em Portugal, 25% dos artigos.

Sobre à metodologia e instrumentos utilizados, 4 estudos eram de abordagem quantitativa, 6 de abordagem qualitativa e 2 combinaram os dois tipos de abordagens.

Quanto aos procedimentos de pesquisa para coleta de dados, observa-se no gráfico 4, 3 pesquisas bibliográficas, 9 pesquisas de campo e nenhum estudo de caso.

Gráfico 03 - Procedimentos das pesquisas



Observa-se que a maioria dos estudos selecionados realizou o método de pesquisa de campo (01, 02, 03, 06, 07, 08, 09, 10 e 11), representando 75% dos estudos selecionados. E apenas 25% utilizou o método de pesquisa bibliográfica.

7 DISCUSSÃO

Os tópicos a serem discutidos correspondem às categorias extraídas durante o processo de análise das referências.

7.1 Relação entre a saúde mental dos pais e as práticas educativas parentais

O presente estudo teve como principal objetivo analisar a influência da saúde mental dos pais e os estilos parentais utilizados sobre a formação da personalidade e desenvolvimento dos filhos. Entretanto dos 12 artigos selecionados, somente dois artigos (n.6 e n.9) abordaram diretamente sobre a temática da influência da saúde mental dos pais sobre a vida de seus filhos, e o artigo n.5 que relaciona a saúde mental dos pais como fator de risco para o envolvimento dos alunos em situação de bullying escolar.

Os estudos de Cid e Matsukura (2010); Rodrigues e Nogueira (2016) objetivam analisar a influência da saúde mental materna nas práticas parentais utilizados por elas, sendo que o artigo de Cid e Matsukura (2010) também estuda sobre o suporte social de mães com e sem transtorno mental e o desenvolvimento emocional de seus filhos. Esses estudos são relevantes, pois a família tem um papel importante no desenvolvimento e na formação da personalidade dos sujeitos, através das práticas educativas utilizadas causando influência no comportamento destes (PRATA e SANTOS, 2007).

As mães com indicadores de estresse, ansiedade e depressão utilizam a prática de disciplina relaxada e punição inconsistente (RODRIGUES e NOGUEIRA, 2016).

Do mesmo modo o artigo de Cid e Matsukura (2010), evidencia que mães com transtorno mental utilizam mais a prática punição inconsistente do que mães sem transtorno.

O modelo teórico de práticas educativas parentais de Gomide (2006) define punição inconsistente como ñquando os pais se orientam pelo seu humor no momento de punir ou reforçar e não pelo ato praticado pela criançaò (CID e MATSUKURA 2010). Segundo Rodrigues e Nogueira (2016), esses comportamentos são: ñhipervigilância, intrusividade, baixa sensibilidade aos filhos ou pouca estimulação cognitivaò.

De acordo com Cid e Matsukura (2010), quanto a punição inconsistente, o transtorno de humor influencia na forma de cuidado utilizado por essas mães no cotidiano. E a disciplina relaxada é entendida como o ñfato de os pais não cumprirem as regras pré-estabelecidas por eles próprioso (RODRIGUES e NOGUEIRA (2016).

Há a possibilidade de que a motivação parental seja afetada pelo transtorno mental uma vez que algumas mães podem ter dificuldades para identificar suas emoções em decorrência da sua condição de sua saúde mental e das emoções causadas pelos comportamentos de seus filhos, ou seja, isso pode influenciar em sua prática parental (CID e MATSUKURA 2010).

Entende-se motivação parental como ñcrença dos pais no sistema de valores, normas e objetivos familiares; no monitoramento dos pais com relação à vida dos filhos e no controle do comportamento dos filhosò (CID e MATSUKURA 2010).

O relacionamento entre mães com transtorno mental com seus filhos pode ser inseguros, dificultando o desenvolvimento de relações de proteção diante de desafios, acarretando nessa criança dificuldades de interação em outros contextos sociais (OLIVEIRA et al. 2015).

O índice de práticas e estilos parentais das mães com transtorno mental apontam riscos para o desenvolvimento de comportamento antissocial dos filhos. O que vai ao encontro da literatura sobre a utilização de práticas e estilo parentais negativos por mães com transtorno mental (CID e MATSUKURA 2010).

Um dado levantado interessante é que os filhos de mães sem transtorno mental indicaram índices maiores para a prática parental de negligência do que os filhos de mães sem transtorno mental e também mais alto do que o de suas próprias mães afeto (RODRIGUES e NOGUEIRA, 2016).

Entende-se como prática de negligência a ausência de atenção e afeto (RODRIGUES e NOGUEIRA, 2016). Cid e Matsukura (2010) hipotetizam que esse resultado indique que os filhos de mães sem transtorno mental são mais críticos e exigentes quanto aos cuidados prestados por elas. Os autores indicam que não houve diferença significativa entre as outras práticas e estilos parentais quando respondido pelos filhos com mães com transtorno das mães sem transtorno, entretanto esses índices indicaram práticas e estilos parentais de risco.

Esses artigos assim como outros selecionados evidenciaram que o nível de escolaridade apresenta-se como um fator de risco para os indicadores emocionais e também para práticas parentais negativas (RODRIGUES e NOGUEIRA, 2016; CID e MATSUKURA 2010).

A saúde mental materna é influenciada por vários fatores, sejam eles sociodemográficos, ou pela ausência de manejo com os cuidados maternos, levando a ansiedade e estresse que podem influenciar em sua prática parental. De acordo com Rodrigues e Nogueira (2016), ñas práticas educativas parentais são influenciadas pelos indicadores emocionais maternos e estes pelos indicadores sociodemográficosò.

Em relação a saúde mental dos filhos de pais com transtorno mental não foi identificado interferência. Entretanto a literatura evidencia que a maior parte dos estudos indicam que no decorrer do desenvolvimento os filhos tendem apresentar ñdificuldades sociais, comportamentais, emocionais e cognitivas, podendo desenvolver inclusive transtornos mentaisò (CID e MATSUKURA 2010).

Segundo a revisão sistemática de Oliveira et al (2015), os estudos sobre a saúde mental parental e o envolvimento de seu filho com o bullying é inconclusivo, pois possuem limitações sem seus estudos. Entretanto essa associação pode ser interpretada pela perspectiva da qualidade de interações que podem ser afetadas diante de um transtorno mental dos pais (OLIVEIRA et al. 2015).

Esses estudos contribuem para o entendimento de fatores de risco e proteção quando pais ou responsáveis pelas crianças apresentam algum transtorno mental e também trazem reflexão sobre medidas preventivas nessas ocasiões quanto aos cuidados prestados, como auxilio as mães quanto aos cuidados fisiológicos da criança, manejo de suas próprias emoções, a importância de demonstrar amor e afeto (RODRIGUES e NOGUEIRA, 2016; CID e MATSUKURA 2010).

7.2 Associação entre Estilos Parentais e a personalidade dos filhos

Um dos objetivos específicos do presente trabalho foi de analisar quais fatores podem impactar a formação da personalidade saudável das crianças e adolescentes.

O ambiente familiar influencia no desenvolvimento de traços da personalidade que proporcionam um ajustamento psicossocial e emocional. Os estilos parentais tem influência sobre a personalidade emocionalmente ajustada, e esta no desenvolvimento de habilidades sociais (MOTA e FERREIRA, 2019).

As práticas parentais estão relacionadas com os indicadores de ajustamento infantil. As estratégias utilizadas pelos pais para socializar as crianças estão relacionadas com o desenvolvimento social adequado ou com as dificuldades comportamentais (LEME e MARTURANDO, 2014).

De acordo com Mota e Ferreira (2019), o estilo parental democrático é caracterizado por propiciar um ambiente familiar de suporte e cuidado, de assertividade, ser responsivo e disponível para a criança, desse modo proporciona ao filho o desenvolvimento de

ñrepresentações mentais sobre si e sobre os outros baseados na segurança e estabilidade emocionalò.

Segundo De Paula (2012), o estilo autoritativo/democrático destaca-se por práticas parentais com supervisão adequada dos filhos, promovendo segurança e orientação para a criança em nível adequado, ou seja, sem ser excessivamente controlador e intrusivo.

O estilo parental democrático é um fator protetor para o desenvolvimento infanto-juvenil, pois está associado a empatia, a assertividade e o autocontrolo que são competências sociais adaptativas, possibilitando um melhor ajustamento emocional e social. Esse estilo também apresenta uma correlação positiva com as personalidades extroversão, a abertura à experiência, amabilidade conscienciosidade e uma associação negativa com o neuroticismo, ou seja, ele promove o desenvolvimento de personalidades emocionalmente regulado (MOTA e FERREIRA, 2019).

Segundo o estudo de Mota et al. (2019), o estilo democrático quando associado ao fator de personalidade extroversão e conscienciosidade, menor é a probabilidade da crianças desenvolver comportamentos de vitimização.

O estilo parental autoritativo colabora com desenvolvimento do sujeito emocionalmente competente. Além de ser fator de proteção para evitar o desenvolvimento de problemas comportamentais, como a internalização e externalização. Contribuindo também para o desenvolvimento da inteligência emocional (DE PAULA, 2012).

Sobre o estilo parental permissivo, este é baseado na postura benevolente e ausência de regras e limites. Segundo Mota e Ferreira (2019), os estilos parentais autoritário e permissivo ï práticas parentais de controle e limites inadequados, exagerados ou ausentes, são fatores de risco para criança, pois estão associados com o traço de personalidade neuroticismo. O estilo permissivo está associado negativamente com a assertividade e o autocontrole. Uma vez que os jovens submetidos ao estilo permissivo não são contrariados pelos seus pais em suas decisões. E está associado positivamente com a labilidade emocional e comportamentos inadequados.

Práticas parentais negativas como o uso de violência física e verbal, ameaças e ausência ou inconsistência de limites estão relacionados com dificuldades comportamentais, socioemocionais e também com o baixo rendimento acadêmico dos filhos. Desse modo, as práticas parentais negativas estão relacionadas com as habilidades sociais, como a cooperação, autocontrole e assertividade; problemas de comportamento e internalizante e a hiperatividade; e a competência acadêmica (LEME e MARTURANDO, 2014).

O processo de autonomia e individuação são prejudicados com o uso do estilo autoritário e permissivo, e também pela superproteção dos pais e o baixo envolvimento emocional, trazendo como consequência a diminuição de competência emocional e alterações comportamentais (DE PAULA, 2012).

Dessa forma é importante que os pais assumam uma postura assertiva, afetiva e que promova confiança a seu filho para que este desenvolva comportamentos assertivos, capacidade de domínio próprio e respeite as ideias do outro (MOTA e FERREIRA, 2019).

Segundo os estudos de Mota e Ferreira (2019), as características da personalidade ditas como positivas tendem a ter relação com competências sociais ajustadas, como os traços de personalidade extroversão, amabilidade e conscienciosidade que mostrou-se associado as competências sociais de empatia, assertividade e autocontrole, no estudo. Assim como a extroversão tem relação com a sociabilidade e assertividade; o traço de amabilidade com o altruísmo, empatia e bondade; a abertura à experiência com exploração do meio; e a conscienciosidade o autocontrolo.

A teoria ecológica do desenvolvimento de Bronfenbrenner (1996) e a teoria da vinculação de Bowlby (1969) dizem que as relações com as figuras parentais são relevantes para o desenvolvimento de interações sociais positivas entre o sujeito e o local que ele está inserido.

A pesquisa de Wellausen e Ruschel (2010) visou investigar a associação entre o Transtorno Antissocial de Personalidade (TASP) e os Estilos Parentais (EP) em uma amostra de prisioneiros. Segundo os autores, famílias em que os pais são descritos como pouco afetivos e cuidadosos tem uma maior possibilidade de os filhos desenvolveram problemas relacionados a saúde mental, como aponta outros autores como Bowlby em 1988, que diz que pais que privam os filhos de afeto propiciam que estes construam um modelo de funcionamento não saudável.

Segundo Wellausen e Ruschel (2010), indivíduos que apresentam problemas de comportamento, como no caso os presidiários, cresceram sem convívio dos pais. Os autores reforçam que os vínculos iniciais entre pais e filhos tem importância para o desenvolvimento de uma personalidade psicologicamente saudável e adaptada, assim como outros fatores, como ñdiferenças individuais, as estratégias de enfrentamento, a capacidade de resiliência, o equilíbrio entre fatores de risco e de proteção, o meio socialò, desse modo possibilitando diferentes respostas.

As famílias que não tem preparo e amparo para exercer funções de proteção e cuidado podem propiciar nos filhos problemas psicológicos e comportamentos sociais desviantes, ou seja, esse fato pode estar relacionado com o aumento da criminalidade e da violência (WELLAUSEN e RUSCHEL BANDEIRA, 2010).

Outro fator relacionado a características pessoais é o perfeccionismo. Segundo Oliveira, et. al. (2012), refere-se a propensão de instituir demasiadamente padrões elevado rígidos, com autoavaliações excessivamente críticas. O perfeccionismo pode ser adaptativo - empenho para alcançar padrões razoáveis e realistas, que resultam em sentimento de auto satisfação e alta autoestima ou pode ser mal adaptativo - caracterizado por uma excessiva preocupação de cometer erros e desiludir os outros, excessiva culpabilização incapacitante e autocrítica. O perfeccionismo pode impactar negativamente os sujeitos, pois pode estar relacionado com alguns distúrbios psicológicos, como a depressão, insônia, ansiedade distúrbios alimentares.

A vinculação é definida por Bowlby (1977) ñcomo sendo a propensão do ser humano para estabelecer fortes ligações afetivas com outros significativosò. Ela pode ser segura, referindo-se a pais que oferecem suporte emocional e afeto a seus filhos, propiciando sensação de conforto e coragem para enfrentar novos desafios. Ou pode ser uma vinculação insegura, que refere-se a relações entre pais e filhos imprevisíveis e severas, acarretando em dificuldades enfrentar desafios e problemas de ajustamento interpessoal e pessoal (OLIVEIRA, et al. 2012).

Segundo Oliveira, et. al. (2012) há uma relação entre representações de vinculação e traços de perfeccionismo. Quando as expectativas parentais ou as críticas parentais são elevadas podem propiciar traços de personalidade perfeccionista mal adaptativo.

A vinculação tem três fatores, a confiança (compreensão parental, respeito e confiança mútua), a comunicação (qualidade da comunicação verbal com os pais) e a alienação (desvinculação e isolamento na relação). Há uma relação positiva entre a confiança e a comunicação com dimensões adaptativas do perfeccionismo, sendo esses fatores representantes de uma vinculação segura. Esses fatores apresentam uma relação negativa com as dimensões mal adaptativas do perfeccionismo. E o fator alienação representa uma vinculação insegura. Esse fator apresenta uma correlação negativa com dimensões mal adaptativas do perfeccionismo. (OLIVEIRA, et al. 2012).

De acordo com Oliveira, et al. (2012), o desenvolvimento do perfeccionismo pode ser resultado da interação dos filhos com seus pais, dessa forma uma vinculação segura propicia um perfeccionismo adaptativo e uma vinculação insegura está relacionada com o mal adaptativo.

Segundo Oliveira, et al. (2012), os psicólogos podem auxiliar seus pacientes a reconhecer suas representações vinculativas e o papel que sua família representou para o desenvolvimento de suas tendências perfeccionistas, propiciando um maior insight sobre essa tendência.

7.3 Fatores de riscos para a saúde mental infantil

O terceiro objetivo especifico do presente estudo foi de compreender quais prejuízos as práticas educativas inadequadas podem acarretar no desenvolvimento infantil.

O ajustamento infantil como a competência social e dificuldades comportamentais, pode ser afetado por um conjunto de multifatores. Entre esses fatores está o tipo de configuração familiar, o estágio de desenvolvimento, mudanças e transições vivenciadas, personalidade e saúde mental parental, o nível socioeconômico, a rede de apoio social, práticas parentais e a idade, gênero e o temperamento das crianças e adolescentes (LEME e MARTURANO, 2014).

Os estudos de Sakuramoto, Squassoni e Matsukura (2014) e Benetti, et al (2010), objetivam identificar correlações entre as práticas parentais e a saúde mental dos filhos, sendo que a pesquisa de Sakuramoto, Squassoni e Matsukura (2014) também correlaciona com o apoio social recebido pelos pais.

As características das relações parentais podem ser fatores de risco para a saúde mental, assim como a exposição à diferentes formas de violência e ocorrência de situações traumáticas (BENETTI, ET AL. 2010).

As práticas parentais e a saúde mental dos filhos possuem uma relação, pois segundo o estudo de Sakuramoto, Squassoni e Matsukura (2014), há uma correlação negativa entre as práticas parentais desfavoráveis com problemas referentes a saúde mental ï total de dificuldades das crianças, problemas de conduta e hiperatividade. E uma correlação positiva com o comportamento pró-social.

A literatura indica que há correlação entre práticas educativas negativas com a depressão, o estresse e problemas de interação social, assim como há uma correlação entre as práticas positivas com as habilidades sociais (SAKURAMOTO, SQUASSONI e MATSUKURA, 2014).

Segundo, Benetti, et al. (2010), a literatura aponta que famílias de riscos tendem a utilizar práticas parentais negativas. Entende-se práticas parentais negativas como negligência,

disciplina relaxada, abuso físico, punição inconsistente e monitoria negativa. E as práticas positivas referem-se a monitoria positiva e o comportamento moral.

O estudo de Benetti, et al (2010), ao avaliar práticas de socialização familiar identificou uma alta incidência de estilos parentais de risco, mostrando que os filhos têm uma percepção negativa sobre o modo que seus pais interagem com eles. Os índices de práticas positivas foram baixos, indicando que os pais envolvem-se pouco nos cuidados e atenção diária nas atividades que seus filhos exercem e preocupam-se pouco em ensina-los valores sociais e morais.

Uma vez que a saúde mental dos filhos está relacionada com as práticas parentais positivas usadas por seus pais, e o apoio social está correlacionado a essas práticas, o apoio social está indiretamente associado a saúde mental das crianças e adolescentes (SAKURAMOTO, SQUASSONI e MATSUKURA, 2014).

As mães ou responsáveis pelas crianças dão mais atenção a eles quando têm uma rede de apoio satisfatória. Quando os responsáveis usam práticas parentais positivas a probabilidade dos filhos apresentarem problemas de saúde mental é menor (SAKURAMOTO, SQUASSONI e MATSUKURA, 2014).

De acordo com os estudos de Sakuramoto, Squassoni e Matsukura (2014), a saúde mental dos filhos está relacionada ao apoio social recebido pelos pais. As chances de uma criança apresentar problemas de relacionamento com outras é reduzida quanto maior for a satisfação dos familiares com o apoio recebido. O que vai ao encontro de outros achados na literatura, indicando esse fator como de proteção para a criança diante de eventos estressantes que podem causar sentimentos de incertezas e isolamento e cuidados precários recebidos.

O diagnóstico clínico de externalização (comportamento agressivo, quebrar regras, conduta antissocial, uso de substâncias e delinquência) está associado com as práticas parentais de risco, os eventos estressores na dimensão pessoal (uso de substâncias ilegais, problemas de autoimagem e ansiedade) e também a exposição à violência urbana, intrafamiliar, escolar e a violência sexual. Quanto ao diagnóstico clínico de internalização (ansiedade, depressão, retraimento e queixas somáticos) está associado a violência intrafamiliar, eventos pessoais traumáticos e práticas parentais paternas negativas.

O estudo de Benetti, et al (2010), diz que os adolescentes com índice de externalização foram aqueles que estão mais expostos a violência, tem mais dificuldade para lidar com as mudanças corporais e interações negativas com seus pais. Os com diagnóstico para

internalização apresentaram dificuldade na interação paterna, maiores problemas de violência intrafamília e percebiam-se com mais sintomas de ansiedade.

A pesquisa de Benetti, et al (2010), foi realizada em das regiões mais violentas do estado do Rio Grande do Sul, com isso a amostra vive em um ambiente vulnerável e as famílias são caracterizadas como de risco. O estudo evidenciou correlações de fatores que trazem consequências para a qualidade de saúde mental dos adolescentes.

A violência é um fator de risco grave para a saúde mental dos adolescentes, ela está associada a manifestações clínicas depressivas, a ñvitimização associada ao transtorno de estresse pós-traumático, abuso de substâncias, problemas emocionais, educacionais e de relacionamentoò (BENETTI, ET AL. 2010).

Segundo Benetti, et al (2010), o resultado do seu estudo evidenciou alto índice de indicativo clínico para problemas de saúde mental, a autora explica esse fato pela amostra analisada viver em uma região altamente violenta, com o maior índice de homicídios de adolescente do Rio Grande do Sul, pois é o que evidencia outros estudos. O grupo feminino apresentou maiores características depressivas e de externalização.

Quanto aos eventos estressores, as perdas de familiares e situações de abuso sexual mostram-se como geradores de maior impacto para a saúde mental. O que vai ao encontro de outros estudos, segundo Benetti, et al (2010).

7.4 Contexto familiar e o bullying escolar

Dos 12 artigos selecionados, três se destacam sobre a temática do bullying (artigo n.3, n.5 e n.12), objetivando estudar a relação entre o contexto familiar e o envolvimento da criança em situações de bullying.

Os resultados do estudo mostraram que há vários fatores relacionados a contextos familiares que levam os alunos a se envolveram em situações de bullying, porém há múltiplos contextos relacionados. Os artigos encontram categorias de características familiares que estão relacionadas a fatores de proteção ou de risco para que alunos se envolvam em situações de bullying. Dentre essas categorias estão os assuntos abordados nesta pesquisa ï estilos parentais e saúde mental dos pais, além da realidade das famílias (socioeconômica, estado civil e nível de escolaridade dos pais) e também a violência intrafamiliar (OLIVEIRA et al., 2015; OLIVEIRA et al., 2018; MOTA et al., 2019).

O conceito de bullying é definido como uma forma característica de comportamento agressivo e violento (OLIVEIRA et al., 2018).

Oliveira et al., 2015, define bullying como um fenômeno complexo, multidimensional e relacional, descritos como comportamento violento, repetido e intencional em relações marcadas pelo desequilíbrio de poder.

De acordo com Mota et al. (2019), o bullying pode serñdireto ou indiretoò, o dito como direto refere-se a presença de agressões físicas e/ou verbais a vítima, e o dito como indireto caracteriza-se por comportamentos de exclusão intencional da vítima.

Entende-se que o ñbullying é uma resposta de um padrão global de interações negativas na famíliaò (OLIVEIRA et al., 2018).

Para compreender o fenômeno bullying e o contexto familiar, o estudo de Oliveira et al. (2018) fez sua análise através da Teoria Bioecológico do Desenvolvimento. O microssistema (ambiente em que os sujeitos se relacionam num contexto imediato) foi evidenciado como o aspecto mais associado ao bullying, diante disso a organização familiar e a qualidade da interação entre seus membros em relação aos afetos, sentimentos e comportamentos, propiciam ou não que as crianças construam habilidades sociais que diminuem a vulnerabilidade sobre o bullying.

Segundo Oliveira et al. (2018), famílias monoparentais é um fator de vulnerabilidade para o bullying, pois ela pode estar relacionada ao aumento do estresse familiar e situações disfuncionais que afeta o comportamento e desenvolvimento infantil. Da mesma forma, o nível socioeconômico somado ao nível de escolaridade dos pais e estado civil monoparentais, e também o uso do estilo parental autoritário, acarretam ao menor tempo de interação dos pais com os filhos, mais situações de estresse dentro do lar e conflitos entre pais e filhos, mostrando-se como fatores de vulnerabilidade ao bullying.

Em concordância com isso, Oliveira et al. (2015) afirma que as famílias intactas é um fator de proteção ao envolvimento com o bullying, e famílias monoparentais estão mais associadas com esse fenômeno tanto como vítimas ou agressores. E também sobre as associações entre os contextos de baixa renda, estado civil e nível escolar, como fatores de risco ao envolvimento com o bullying.

Segundo Cid e Matsukura (2010), fatores como baixa renda familiar, ambientes vulneráveis, pouco suporte social, baixa escolaridade dos pais, altos níveis de estresse,

depressão e doenças mentais dos pais, são fatores de risco no ambiente familiar que podem prejudicar o desenvolvimento da criança.

Práticas parentais ineficazes, como o uso de castigos físicos, ausência de afeto e uso de medidas disciplinares severas e punitivas têm associação no envolvimento com o bullying. E os filhos de pais com estilo autoritário tem maior tendência a se envolver com o bullying (OLIVEIRA et al., 2015).

Segundo os estudos de Cardoso e Veríssimo (2013), filhos de pais autoritários apresentam maior tendência à delinquência, baixa responsabilidade social, baixa regulação emocional, são mais apreensivos, inseguros e agressivos.

E sobre a saúde mental dos pais, os resultados mostraram uma associação entre a saúde mental materna e o aumento ou a diminuição da intimidade entre mães e filhos, o que interfere no psicológico deles. Há uma relação significativa entre a presença de psicopatologia materna com comportamentos de bullying, pois pode haver interferências nos vínculos primários pouco seguros (OLIVEIRA et al., 2015).

Segundo a teoria do apego, Dalbem e DellôAglio (2005), dizem que ñA imagem interna, instaurada com os cuidadores primários, é considerada a base para todos os relacionamentos íntimos futurosò, esses autores também afirmam que o modelo de apego instaurando na infância tem influência no seu desenvolvimento socioemocional.

Entretanto no artigo de Oliveira et al. (2015), os autores afirmam que a relação entre a saúde mental dos pais e o envolvimento dos alunos com bullying é inconclusivo, pois há muitas limitações.

E o estudo de Mota et al. (2019) analisou a relação entre os estilos parentais e personalidade com o envolvimento da criança em situações de bullying, seja com comportamentos de vitimação ou de agressão. A análise foi realizada baseada na teoria de Baumrind, assim como outros artigos selecionados que retratam sobre as práticas e estilos parentais. Sendo essa teoria de suma importância para o entendimento da personalidade e o envolvimento de adolescentes e jovens com o bullying.

A dimensão de personalidade neuroticismo (marcado pela instabilidade emocional, negativismo, ausência de estratégias de coping e stresse) tem maior relação com o envolvimento com o bullying, seja como vítima, devido a dificuldade de adaptação, ou como agressor, pois

seu negativismo pode prejudicar na forma de interação com os outros, agindo de forma agressiva .

Já a dimensão amabilidade mostra-se como fator de proteção ao não envolvimento com o bullying, pois crianças e adolescentes que mostram ter autodisciplina e mantém relacionamentos interpessoais satisfatórios tendem a ser fatores de proteção a vitimação e agressão (MOTA et al., 2019).

Os estilos parentais apresentam uma associação com o neuroticismo, a extroversão e a conscienciosidade, que estão correlacionados com os comportamentos de vitimação e agressão. O estilo democrático e o estilo autoritário de ambos os pais quando associado a extroversão e conscienciosidade, acarretam em baixa tendência a vitimação, assim como o estilo permissivo paterno quando associado a extroversão leva a uma menor propensão a vitimação. Desse modo a extroversão e a conscienciosidade apresentam-se como fatores de proteção à vitimação (MOTA et al., 2019).

Estes estudos mostram-se efetivos para a compreensão do fenômeno bullying e seus fatores de risco e proteção. Evidenciando que a família tem um papel importante sobre esse fenômeno, entretanto não somente ela, mas como diversos fatores que quando relacionados podem impactar o desenvolvimento infantil. Diante disso, os autores concordam que seja pertinente o desenvolvimento e qualificação de intervenções escolares, para a identificação de fatores de risco para esses comportamentos (OLIVEIRA et al., 2015; MOTA et al., 2019).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo analisou as contribuições de pesquisas sobre a saúde mental parental e os estilos parentais que influenciam no desenvolvimento psicossocial e emocional de crianças e adolescentes. Buscou-se compreender quais fatores que podem impactar a formação da personalidade das crianças e adolescentes e quais os prejuízos das práticas parentais negativas na vida das crianças.

A Revisão Integrativa da Literatura nacional proporcionou um levantamento da produção científica sobre a temática, reunindo estudos com diversas metodologias de forma organizada, propiciando um entendimento completo do conhecimento produzido sobre o tema nos últimos dez anos.

Através da análise compreendeu-se que a formação da personalidade e o desenvolvimento infantil são determinados por um conjunto de múltiplos fatores e eventos. A família tem um papel primordial sobre o desenvolvimento social e emocional, entretanto o contexto social, o nível socioeconômico e educacional dos pais, a configuração familiar, a área urbana em que essa família vive também geram impactos sobre o desenvolvimento infantil.

As características da personalidade entendida como saudável, proporcionam o desenvolvimento de melhores habilidades sociais, competências sociais e emocionais, empatia e assertividade.

Com esses estudos tornou-se evidente que as práticas parentais causam impactos em várias áreas da vida das crianças e adolescentes. As práticas desfavoráveis podem acarretar em prejuízos nas competências emocionais, sociais e acadêmicas, baixo nível de habilidades sociais e regulação emocional, problemas comportamentais de extrenalização e internalização, problemas de conduta e socialização, e o desenvolvimento de desajustamento mental, como a depressão e ansiedade.

Compreende-se que o estilo parental democrático e características positivas da personalidade tem uma importante relevância no desenvolvimento de competências sociais e emocionais adaptativas, ajustamento emocional saudável. Este estilo parental proporciona o desenvolvimento saudável e é um fator de proteção ao desencadeamento de problemas comportamentais de internalização e externalização.

Os estudos evidenciaram sobre a importância do estabelecimento do apego seguro, de práticas educacionais parentais com métodos disciplinares adequados, a demonstração de amor e afeto, o cuidado quanto as necessidades físicas e emocionais da criança, a interação saudável e respeitosa, proteção, ensino de normas e moral, ser exemplo de adulto saudável em suas relações.

Com a análise foi possível identificar que as mães com distúrbios mentais utilizam práticas parentais prejudiciais, como a punição inconsistente. E também podem ter dificuldade para estabelecer um vínculo seguro com seus filhos. Essas crianças podem apresentar

comportamentos antissociais, dificuldade nas habilidades sociais, e problemas emocionais cognitivos e comportamentais, e também psicopatologias.

Sobre a prevenção e intervenções, é necessário a identificação precoce de fatores de riscos e vulnerabilidades para o desenvolvimento. A psicoeducação dos pais sobre práticas parentais adequadas é de suma importância, pois seu uso trará benefícios para seus filhos e também para a harmonia da família. Para isso é importante desenvolver trabalhos junto as famílias, principalmente a ditas como vulneráveis, seja em situação de contextos de violência, nível socioeconômico, psicopatologias maternas ou paternas, entre outros.

Foi salientado nos artigos sobre a importância de realizar estudos longitudinais que relacionem diversos fatores, visto que há múltiplos fatores de risco para o desenvolvimento, pois essas pesquisas trarão resultados enriquecedores.

Desse modo, a continuidade desse estudo por outros pesquisadores é de suma importância, pois é necessário desenvolver estratégias e recursos de intervenção junto as famílias, capacitando os pais para evitar prejuízos no desenvolvimento infantil.

Observa-se que na literatura nacional há poucas pesquisas que estudem sobre a saúde mental parental e seu impacto na vida dos filhos. Sendo essa temática relevante para a identificação dos riscos para o desenvolvimento de estratégias de proteção. Como a presente pesquisa fez um recorte para artigos na língua portuguesa, esse foi um fator limitador dos resultados sobre esse contexto. Pesquisas internacionais em outras línguas contribuiriam com dados relevantes para a análise.

Por fim, as considerações aqui retratadas podem servir de entendimento sobre como os estilos parentais e saúdes mentais dos pais podem afetar o desenvolvimento psicossocial de seus filhos. Além da compreensão e importância da identificação dos fatores de risco e proteção para um desenvolvimento saudável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Anabela. **Percepção dos Estilos Educativos Parentais e o ajustamento psicológico do adulto - comparação entre indivíduos com e sem perturbações depressivas**. Paidéia. Portugal. v. 12, n.24, p. 215-227, 2003.

BARRETO, André. **PARADIGMA SISTÊMICO NO DESENVOLVIMENTO HUMANO E FAMILIAR: A TEORIA BIOECOLÓGICA DE URIE BRONFENBRENNER.** Psicologia em Revista. Belo Horizonte, v. 22, n. 2, p. 275-293, 2016.

BEE, Helen; BOYD, Denise. **A criança em desenvolvimento**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CARDOSO, Jordana, VERÍSSIMO, Manuela. **Estilos parentais e relações de vinculação**. Análise Psicológica. p.393-406, 2013.

CASSONI, Cynthia. **Estilos Parentais e Praticas educativas parentais: revisão sistemática e crítica da literatura.** USP. São Paulo, 2013.

CID, Maria Fernanda e MATSUKURA, Thelma. **Mães com transtorno mental e seus filhos: risco e desenvolvimento.** O Mundo da Saúde. São Paulo. V.34, n.1, p.73-81, 2010.

DALBEM, Juliana; DELLôAGLIO, Debora. **Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento**. Arquivos Brasileiros de Psicologia. v. 57, n. 1, p. 12-24, 2005.

Disponível em <http://www.josesilveira.com.> Acesso 20 de novembro de 2019.

FRANZIN, Ricardo; RODRIGUEZ, Ricardo, REIS, Aline. **Modelo Teórico Atualizado da Terapia do Esquema.** In: Terapia do Esquema com crianças e adolescentes: Do modelo teórico à prática clínica. /Org., Aline Reis. p.21-30. Mato Grosso do Sul: Edt, Episteme, 2019.

GOLDBERG, Luciane; YUNES, Maria Angela; FREITAS, José Vicente. **Desenho infantil e desenvolvimento na ótica da ecologia do desenvolvimento humano.** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n. 1, p. 97-106, 2005.

Halperin, Carolina Fischamnn; CARNEIRO, José César. **A Teoria do Apego e as Bases Familiares da Terapia do Esquema**. In Wainer et al.; Terapia Cognitiva Focada em Esquemas: Integração em Psicoterapia. Porto Alegre: Artmed, 2016.

LOPES, Renata; LOPES, Ederaldo**. Conhecendo-se para educar: Orientação Cognitivo-Comportamental para pais**. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2015.

MENDES, Karina; SILVEIRA, Renata; GALVÃO, Cristina Maria. **REVISÃO INTEGRATIVA: MÉTODO DE PESQUISA PARA A INCORPORAÇÃO DE EVIDÊNCIAS NA SAÚDE E NA ENFERMAGEM.** Texto Contexto Enferm, Florianópolis, v.17, n.4, p.758-64, 2008.

MENDES, Marco Aurélio; TYSLER, Priscila; SANTOS, Veruska. **A Teoria do Apego e a Terapia do Esquema para crianças e adolescentes.** Modelo Teórico Atualizado da Terapia

do Esquema. In: Terapia do Esquema com crianças e adolescentes: Do modelo teórico à prática clínica. /Org., Aline Reis. p.54-66. Mato Grosso do Sul: Edt, Episteme, 2019.

MOTA, Catarina e FERREIRA, Sara. **Estilos parentais, competências sociais e o papel mediador da personalidade em adolescentes e jovens adultos**. Análise Psicológica. v.3, p. 269-284, 2019.

PÁDUA, Gelson Luiz. **A Epistemologia Genética de Jean Piaget**. Revista FACEVV. n.2, p. 22-35, 2009.

PAPALIA, Dieane E; OLDS, Sally; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano.** Porto Alegre: Artmed; 2006.

PATIAS, Naiana ; SIQUEIRA, Aline e DIAS, Ana Cristina**. Práticas educativas e intervenção com pais: a educação como proteção ao desenvolvimento dos filhos.** Mudanças -Psicologia da Saúde, v.21, n.1, p.29-40, 2013.

PRATTA, Elisângela; SANTOS, Manoel. **FAMÍLIA E ADOLESCÊNCIA: A INFLUÊNCIA DO CONTEXTO FAMILIAR NO DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO DE SEUS MEMBROS**. Psicologia em Estudo, Maringá. v. 12, n. 2, p. 247-256, 2007.

RABELLO, E.T. e PASSOS, J. S. **Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento.**

RAMIRES, Vera Regina; SCHNEIDER, Michele**. Revisitando alguns Conceitos da Teoria do Apego: Comportamento versus Representação?** Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 26 n. 1, p. 25-33, 2010.

RINHEL-SILVA, Claudia Maria; CONSTANTINO, Elizabeth e RONDINI, Carina. **Família, adolescência e estilos parentais. Estudos de Psicologia.** Campinas. v.29, n.2, p 221-230, 2012.

ROCHAS, Natália Quintela. **A TEORIA DA PERSONALIDADE NA TERAPIA COGNITIVA DE AARON BECK.** Dissertação do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora**,** 2013.

SANTOS, Ana Marta. Percepção das Praticas Educativas Parentais e Personalidade. **Escola de Psicologia e Ciências da Vida. COPELABS.** Lisboa, 2016.

SANTOS, Veruska. **Aplicação da Orientação a pais na Terapia do Esquema: Para uma parentalidade suficientemente boa**. Modelo Teórico Atualizado da Terapia do Esquema. In:

Terapia do Esquema com crianças e adolescentes: Do modelo teórico à prática clínica. /Org., Aline Reis. p.360-364. Mato Grosso do Sul: Edt, Episteme, 2019.

SOUZA, Marcela; SILVA, Michelly; CARVALHO, Rachel. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein (São Paulo)**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010.

VALENTINI, Felipe e ALCHIERI, João Carlos. **Modelo clínico de estilos parentais de Jeff rey Young: revisão da literatura.** Contextos Clínicos. v.2, n.2, p.113-123, 2009.

WAINER, Ricardo. **O desenvolvimento da personalidade e suas tarefas evolutivas. In: Terapia cognitiva focada em esquemas: integração em psicoterapia** / Org., Ricardo Wainer... [et al.]. p. 15-26. Porto Alegre: Artmed, 2016.

WEBER, Lidia; PRADO, Paulo; VIEZZER, Ana Paula e BRANDENBURG, Olivia. **Identificação de Estilos Parentais: O Ponto de Vista dos Pais e dos Filhos**. Psicologia: Reflexão e Crítica, v.17, n.3, p.323-331, 2004.

YOUNG, Jeffrey; KLOSKO, Janet; WEISHAAR, Marjorie.**Terapia do esquema: Guia de técnicas Cognitivo-comportamentais inovadoras**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BENETTI, Silvia; PIZETTA, Adriana; SCHWARTZ, Cristiana; HASS, Raíssa; MELO, Vera Lúcia. **Problemas de saúde mental na adolescência: características familiares, eventos traumáticos e violência**. Psico-USF, v.15, n. 3, p. 321-332, 2010.

CID, Maria Fernand e MATSUKURA, Thelma. **Mães com transtorno mental e seus filhos: risco e desenvolvimento.** O Mundo da Saúde, São Paulo, v.34, n.1, p.73-81, 2010.

DE PAULA, João. **Estilos parentais, inteligência emocional e o enfant terrible ï relações, implicações e reflexões**. Revista de Enfermagem Referência, v.3, n.8, p. 155-162, 2012.

LEME, Vanessa e MARTURANO, Edna Maria. **Preditores de Comportamentos e Competência Acadêmica de Crianças de Famílias Nucleares, Monoparentais e Recasadas.** Psicologia: Reflexão e Crítica, v.27, n.1, p. 153-162, 2014.

MOTA, Catarina; COSTA, Mónica; PINHEIRO, Mónica; NUNES, Filipa. **Estilos parentais e comportamentos de bullying em adolescentes e jovens adultos: efeito moderador da personalidade**. Análise Psicológica, v. 37, n. 4, p. 447-461, 2019.

MOTA, Catarina; FERREIRA, Sara. **Estilos parentais, competências sociais e o papel mediador da personalidade em adolescentes e jovens adultos**. Análise Psicológica**,** v.37, n.3, p.269-284, 2019.

OLIVEIRA, Diana; CARMO, Cláudia; CRUZ, José e BRÁS, Marta. **Perfeccionismo e Representação Vinculativa em Jovens Adultos.** Psicologia: Reflexão e Crítica, v.25, n.33, p. 514-522, 2012.

OLIVEIRA, Wanderlei; SILVA, Jorge Luiz; QUERINO, Rosimár; SANTOS, Claudia; FERRIANI, Maria das Graças; SANTOS, Manoel Antônio; SILVA, Marta Angélica. **Revisão sistemática sobre *bullying* e família: uma análise a partir dos sistemas bioecológicos.** Rev. Salud Pública, v.20, n.3, p.: 396-403, 2018.

OLIVEIRA, Wanderlei; SILVA, Jorge Luiz; YOSHINAGA, Andréa Cristina; SILVA, Marta Angélica**. Interfaces entre família e bullying escolar: uma revisão sistemática.** Psico-Usf, v. 20, n. 1, p. 121-132, 2015.

RODRIGUES, Olga Maria e NOGUEIRA, Sária Cristina. ***Práticas Educativas e Indicadores de Ansiedade, Depressão e Estresse Maternos***. Psic.: Teor. e Pesq., Brasília, v.32, n.1, p. 35-44, 2016.

SAKURAMOTO, Sandra; SQUASSONI, Carolina Elisabeth; MATSUKURA, Thelma. **Apoio social, estilo parental e a saúde mental de crianças e adolescentes.** O Mundo da Saúde, São Paulo, v.38, n.2, p.169-178, 2014.

WELLAUSEN, Rafael e BANDEIRA, Denise. **O Tipo de Vínculo entre Pais e Filhos está Associado ao Desenvolvimento de Comportamento Antissocial?** Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology, v.44, n.3, p. 498-506, 2010.